

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
CENTRO DE EDUCAÇÃO BALNEÁRIO CAMBORIÚ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TURISMO
E HOTELARIA – MESTRADO ACADÊMICO

LAÉRCIO ANTÔNIO BRAGGIO

TURISMO E SEGURANÇA PÚBLICA

Balneário Camboriú

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LAÉRCIO ANTÔNIO BRAGGIO

TURISMO E SEGURANÇA PÚBLICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria, pela Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Balneário Camboriú, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico.

Orientadora: Profa. Dra. Yolanda Flores e Silva

Balneário Camboriú

2007

Página de aprovação

AGRADECIMENTO

Aos meus Pais, pelo seu amor incondicional e dedicação em todos os momentos.

A minha esposa, Jomara, se não fosse pelo seu apoio e incentivo, não teria chegado até aqui. Amo você.

As minhas filhas Sarah, Lívia e Laura, pela compreensão em dividir seus horários na internet com o pai “chato” na hora de fazer o seu “trabalho”.

A Professora Orientadora Dra. Yolanda Flores e Silva, meu agradecimento, pelo apoio, paciência, credibilidade e compreensão que me proporcionou, pois sem ele não conseguiria desenvolver esse trabalho.

A todos os professores, pela contribuição na minha formação e ao Corpo Administrativo, pelo apoio dado.

Um obrigado especial aos meus alunos, afinal é na busca de uma melhor qualidade de ensino que eles me trouxeram até o programa de Mestrado.

Nosso maior medo não é que sejamos
inadequados.

Nosso medo maior é de sermos imensamente
poderosos.

É a nossa Luz, não nossa escuridão, que mais
nos assusta.

É nossa Luz, não nossa sombra, que mais nos
assusta.

Perguntamo-nos:

Quem sou eu para ser brilhante, maravilhoso,
talentoso, fabuloso?

Mas, realmente: QUEM ÉS TU para não o
seres...?

De nada serve ao mundo fazer-te de pequeno.

Não há nada especial em te encolher para que
outras pessoas não se sintam inseguras em tua
presença.

Nascemos para irradiar a Glória da Vida e da
Luz como as crianças fazem.

Nascemos para manifestar a Glória de Deus
que está dentro de nós.

E não somente em alguns de nós - está em
todos nós.

E na medida em que deixamos brilhar nossa
própria Luz, inconscientemente damos
permissão a outros para fazerem o mesmo.

Quando somos liberados de nosso próprio
medo, nossa presença automaticamente libera
outros.

Rainer Maria Rilke

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Características Profissionais e Pessoais.....	20
Quadro 02: Número de ônibus que entraram no município entre 1997 e 2005.....	53
Quadro 03: Número de alunos universitários residentes. 2004-2006.....	54
Quadro 04: Síntese perfil dos entrevistados	56
Quadro 05: Percepções dos entrevistados sobre violência.....	58
Quadro 06: DSC entrevistado sobre violência.....	58
Quadro 07: DSC sobre Balneário Camboriú x Violência	62
Quadro 08: Discursos dos Informantes sobre Aumento da Violência x Registros	65
Quadro 09: Discursos dos Informantes sobre Atos Violentos x Turismo	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Imagem de Santa Catarina	42
Figura 02: Imagem Territorial de Balneário Camboriú	43
Figura 03: Praia Central de Balneário Camboriú.....	45
Figura 04: Praia Central de Balneário Camboriú.....	46
Figura 05: Praia de Laranjeira	46
Figura 06: Praia do Pinho.....	47
Figura 07: Praia de Estaleiro	47
Figura 08: Complexo Turístico Unipraias	48
Figura 09: Parque de Aventuras Unipraias	49
Figura 10: Complexo Turístico Carlos Rosa	50
Figura 11: Complexo Turístico Carlos Rosa	51
Figura 12: Igreja Matriz Santa Inês.....	52
Figura 13: Salto de Parapente no Morro do Careca.....	52
Figura 14: Praia Central de Balneário Camboriú.....	54
Figura 15: Fluxograma sobre violência.....	59
Figura 16: Idéias sínteses do DSC sobre Balneário Camboriú x Violência.....	62
Figura 17: Idéias sínteses do DSC sobre Aumento da Violência x registros	65
Figura 18: Idéias sínteses do DSC sobre Atos Violentos x Turismo.....	69
Figura 19 : Idéias sínteses do DSC sobre Turismo e Segurança Pública	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Grade Estatística de Ocorrências Policiais Referentes os anos de 2002 à 2006	66
--	----

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA	12
1.2 JUSTIFICATIVA, PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	14
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
1.3.1 Tipo de estudo:.....	18
1.3.2 Universo de estudo:.....	19
1.3.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados:.....	20
1.3.4 Análise dos dados:.....	21
2 TURISMO E VIOLÊNCIAS: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS	22
2.1 APRESENTANDO O TEMA E SUAS DIVERSIDADES TEÓRICAS.....	22
2.2 MOTIVAÇÕES, IMPACTOS E CAMINHOS DO TURISMO.....	24
2.3 VIOLÊNCIA: CAUSAS E CONEXÕES POSSÍVEIS.....	33
3 ASPECTOS SÓCIO-ESPACIAIS DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ E ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO	42
3.1 APRESENTAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ.....	42
3.2 DADOS HISTÓRICOS	44
3.3 ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO TURÍSTICA.....	45
3.4 POPULAÇÃO FLUTUANTE	53
3.5 CONCENTRAÇÃO DE PÚBLICO	54
4 CONFLITOS E VIOLÊNCIAS: ANÁLISE DE DISCURSOS E REGISTROS	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Participante	83
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas para pesquisa de Dissertação.....	84
ANEXO A – Grade estatística de ocorrências policiais por delito referente o ano de 2004	85
ANEXO B – Grade estatística de ocorrências policiais por delito referente o ano de 2005	86
ANEXO C – Grade estatística de ocorrências policiais por delito referente o ano de 2006	87
ANEXO D – Transcrição das Entrevistas realizadas.....	88

RESUMO

Fenômeno multiforme, que envolve uma complexidade de conflitos e comportamentos, a violência se tornou um drama, associado as causas predominantemente sociais, que assume contornos e dimensões preocupantes na sociedade contemporânea. O medo gerado pela violência amputa a vida social e isto repercute na mobilidade das pessoas, não apenas alterando roteiros cotidianos, mas influenciando também as viagens e o turismo. Neste contexto, pode-se dizer que a segurança pública constitui elemento indissociável da rede de ofertas e serviços imbricados ao atendimento turístico, representando fator importante e condicionante da imagem da cidade como destino turístico. Quando o destino turístico começa a incorporar vulnerabilidades, o turista antevê riscos e tende a mudar sua rota. Num mundo regido pela insegurança, pelo medo da violência, qualquer sinal de instabilidade pode resultar na rejeição a um determinado destino. Daí a importância de trabalhos conduzidos no sentido de conhecer e entender as relações intrínsecas entre turismo e segurança pública. A intenção da pesquisa aqui proposta é estabelecer conexões entre violência e turismo de massa, com objetivo de conhecer o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão do município de Balneário Camboriú (SC). A pesquisa caracteriza o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local. No estudo realizado foi adotado o método qualitativo que permite o uso de diferentes instrumentos e recursos para a coleta de dados, como a observação do fenômeno durante a investigação. Apresenta uma abordagem das construções teóricas sobre turismo e violência e registros e discussões sobre conflitos e violências de acordo com a percepção de cinco profissionais da área de Segurança Pública de Balneário Camboriú, através da análise do discurso do sujeito coletivo. Após a análise do discurso do sujeito coletivo percebe-se que a violência não é causada diretamente pelo turismo, mas sim pelo aumento da população em geral.

Palavras-chave: Turismo. Violência. Segurança Pública.

ABSTRACT

Violence, a multiform phenomenon that involves a complexity of conflicts and behaviors, has become a drama that is associated with predominantly social causes, which take on alarming forms and dimensions in society contemporary. The fear generated by the violence disrupts the social life, and this is affecting people's mobility, not only altering daily routines, but also influencing travel and tourism. In this context, it can be said that public security is an element that is inseparable to the network of offers and services that form part of tourism service, and is an important factor determining the image of the city as a tourism destination. When the tourism destination begins to incorporate vulnerabilities, the tourist foresees risks and tends to change his destination. In a world governed by insecurity, and the fear of the violence, any least sign of instability can result in the rejection to a certain destination. Hence the importance of studies to discover and understand the intrinsic relationship between tourism and public safety. The proposal of this research is to establish connections between violence and mass tourism, in order to discover the current stage of the records and discourses on the more common conflicts and types of violence during the Summer tourism season in the town of Balneário Camboriú (SC). The research describes the social and spatial environment of the town, and the areas with the highest circulation of tourists and the local population. It uses the qualitative method, which enables the use of different tools and resources for the data collection, such as observation of the phenomenon during the investigation. It presents an approach to the theoretical constructions about tourism and violence, and the records and discussions about conflicts and violence, according to the views of five professionals working in the area of Public Security in Balneário Camboriú, through an analysis of discourses of the collective subject. Following the analysis of discourse of the collective subject, it is observed that the violence is not caused directly by the tourism, but rather, by an increase in the general population.

Key words:Tourism. Violence. Public Security)

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema o Turismo e a Segurança Pública. Observa-se que o medo gerado pela violência amputa a vida social e isto repercute na mobilidade das pessoas, não apenas alterando roteiros cotidianos, mas influenciando também as viagens e o turismo. Neste contexto, pode-se dizer que a segurança pública constitui elemento indissociável da rede de ofertas e serviços relacionados ao atendimento turístico, representando fator importante e condicionante da imagem da cidade como destino turístico.

Quando o destino turístico começa a incorporar vulnerabilidades, o turista antevê riscos e tende a mudar sua rota. Num mundo regido pela insegurança, pelo medo da violência, qualquer sinal de instabilidade pode resultar na rejeição a um determinado destino. Daí a importância de trabalhos conduzidos no sentido de conhecer e entender as relações intrínsecas entre turismo e segurança pública.

A intenção da pesquisa aqui proposta é identificar o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão do município de Balneário Camboriú (SC).

A pesquisa caracteriza o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local.

No estudo realizado foi adotado o método qualitativo que permite o uso de diferentes instrumentos e recursos para a coleta de dados, como a observação do fenômeno durante a investigação.

Apresenta uma abordagem das construções teóricas sobre turismo e violência, registros e discussões sobre conflitos e violências, de acordo com a percepção de cinco profissionais da área de Segurança Pública de Balneário Camboriú, através da análise do discurso do sujeito coletivo.

A dissertação está dividida em cinco momentos, sendo o primeiro da introdução e apresentação de algumas considerações sobre o tema, a

justificativa da pesquisa, o problema, bem como, os procedimentos metodológicos adotados, observando o tipo de estudo, o universo de estudo, as técnicas e instrumentos utilizados na coleta de dados, bem como a forma de analisar estes mesmos dados.

No segundo momento faz-se uma construção teórica sobre o turismo e a violência, procurando vislumbrar algumas conexões e causas possíveis da violência. Para tanto, faz-se uma apresentação do tema e suas diversidades teóricas, bem como, as motivações, impactos e caminhos do turismo.

No terceiro momento faz-se uma apresentação sócio espacial do Município de Balneário Camboriú. Destacando sua apresentação sócio espacial, os dados históricos, os espaços de circulação turística, bem como, a população flutuante e a concentração de público.

No quarto momento, é feita uma análise dos discursos registrados pelos informantes.

No quinto e último momento registra-se as considerações finais sobre o tema proposto.

1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

A cada dia é mais evidente nas cidades – a violência se tornou um drama, associado as causas predominantemente sociais que assume contornos e dimensões preocupantes no século 21. Fenômeno multiforme que envolve uma complexidade de conflitos e comportamentos, que redesenha, na sociedade contemporânea, as relações entre indivíduos, entre o homem e o seu ambiente.

A constatação de que a intolerância com relação a atos violentos e a banalização, crescem na mesma proporção que o medo que eles provocam, torna a violência uma das principais questões sociais urbanas. E não é somente nas metrópoles que ela progride. Em cidades de médio e pequeno porte, a

sensibilidade aos atentados à integridade humana constitui um elemento tão forte na realidade que vai redefinindo as práticas cotidianas das pessoas e dos grupos.

Não há como negar que, diante da cultura do medo construída na e pela sociedade dos tempos atuais, onde a violência passa a ser encarada como "o modo mais agudo de revelar o total desrespeito e desconsideração pelo outro, implicando não só o uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la" (VELHO; ALVITO, 1996, p. 10), as pessoas buscam cada vez mais segurança e isto pode levar ao isolamento e à não sociabilidade com pessoas "suspeitas" ou pertencentes a grupos definidos como perigosos.

O medo à violência que, na definição de Michaud (1989, p. 05), é "uma ação direta ou indireta, concentrada ou distribuída, destinada a prejudicar uma pessoa ou a destruí-la, seja em sua integridade física ou psíquica, seja em suas posses, seja em suas participações simbólicas", conduz os indivíduos a adotarem desde simples atitudes preventivas, como instalar um alarme no carro, até comportamentos extremos, como evitar ao máximo sair de casa, o que demonstra existir uma linha muito tênue entre precaução e autoprivação do direito de ir e vir.

Parte desse medo amputa a vida social, constata a psicóloga social Nancy Cardia (2003), e isto repercute na mobilidade das pessoas, não apenas alterando roteiros cotidianos, mas influenciando também as viagens e o turismo – entendido basicamente como "o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais" (ARRILLAGA, 1976, p. 25).

Interessa salientar outro significado que a autora dá ao turismo: "conjunto de bens, serviços e organização que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar" (ID., IBID., p. 25, grifo nosso). Se dermos ao termo "organização" um sentido *lato*, considerando a complexidade das estruturas que se formam em torno das atividades turísticas, o mesmo fazendo com "relações" e "fatos", admitindo as infinitas possibilidades de análise e interpretação destes no campo das ciências sociais, pode-se afirmar que, no imenso cosmo do turismo,

encontra-se um território aberto para pesquisas que tenham como foco a violência urbana, o medo e a segurança pública.

São muitas as teorias sobre o que é violência, suas causas e interferências. Há grande número de obras publicadas sobre o tema que abordam as diversas faces da violência. Por isso, é importante fazer uma leitura criteriosa que permita a compilação de pressupostos, capazes de dar sustentação teórico-científica aos trabalhos que se propõem a trilhar alguns atalhos da violência, como é a intenção da pesquisa aqui proposta, que procura estabelecer conexões entre violência e turismo de massa no município litorâneo de Balneário Camboriú (SC).

1.2 JUSTIFICATIVA, PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A investigação que resultou neste estudo, sobre o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão no município de Balneário Camboriú (SC), buscou caracterizar o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local, para verificar os tipos de conflitos e violências registrados com maior frequência pela polícia local. E por que uma pesquisa desta natureza em um lugar tão procurado por turistas? E por que esta preocupação com turistas e população local, numa perspectiva de verificar possíveis problemas de segurança?

Considerando as questões acima, lembramos, Campêlo (2005, p. 8) que nos adverte sobre a necessidade de existir “uma política que privilegie a relação [...] dos visitantes com as comunidades locais”. Para este autor, os organismos envolvidos com a atividade turística não podem privilegiar unicamente os turistas, “esquecendo que os produtos culturais têm origem em atores sociais, com uma dignidade intrínseca, e uma palavra a dizer do patrimônio e dos espaços que partilham com aqueles que os visitam”. O autor acrescenta, que a indústria turística pode alimentar conflitos possíveis nos contatos culturais. Daí a necessidade

de assegurar para turistas e população receptora, garantias de serviços que previnam e / ou combatam as causas das violências.

Sobre isto, Aguiar, Martins e Cardoso (2003, p. 309), afirmam ser “a segurança, condição básica para a qualidade na receptividade de um núcleo receptor, deve apresentar-se como uma extensão dos serviços garantidos aos moradores”. Os autores ressaltam que não se pode oferecer segurança ao turista, em seu sentido amplo, se esta condição não for oferecida também à população.

Daí a importância deste estudo, que tem como universo eleito para investigação, o município de Balneário Camboriú (SC), apontado, em estudo de demanda turística internacional desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (2000 *apud* SILVA, 2002), como o sexto destino mais procurado no Brasil. Se comparado a outras destacadas opções de turismo, como Recife (Pernambuco), por exemplo, onde os índices de violência atingem patamares acima dos toleráveis – como revelam o Ipea (2005)¹ e a Facepe (2005)² –, a situação da cidade catarinense é confortável porque, no mapa turístico brasileiro, aparece com destaque por agregar belezas naturais, diversidade de lazer e entretenimento, e ainda, por não estar associada a dados preocupantes de criminalidade.

¹ Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a violência urbana revela que os maiores índices de homicídio estão concentrados nas regiões metropolitanas, mas não nas capitais. Dos 20 municípios mais violentos, apenas quatro são capitais: Recife (10º lugar), Vitória (16º), Maceió (18º) e Porto Velho (19º). A partir de cruzamento de dados do Censo IBGE de 2000, com os registros de óbito do Ministério da Saúde, de 2003, o IPEA calculou a probabilidade de um cidadão ser assassinado em cada um dos 5.507 municípios brasileiros. O estudo mostra que entre 1980 e 2000 a taxa de mortalidade por homicídio no país cresceu 130%, passando de 11,7 para 27 em cada 100 mil habitantes. Dentre os 127 municípios com taxa de homicídios superior a 50 por 100 mil habitantes, em 2003, 51 pertencem a regiões metropolitanas, sendo 44 na região sudeste, com destaque para as regiões metropolitanas de Recife, Vitória, São Paulo e Rio de Janeiro. Para mais informações sobre esta questão, consultar:

- CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; CARVALHO, Alexandre de. **Homicídios, estrutura socioeconômica e disposição espacial de crimes no Brasil**. Brasília: IPEA, 2004.
- CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; CARVALHO, Alexandre de. **O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005. (Texto para Discussão nº 1144). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2005/td_1144.pdf>.

² “Má distribuição de renda, falhas nos mecanismos de controle sócio-político, instituições frágeis, atreladas a uma tradição de cultura agressiva. Esse é o cenário da violência urbana no país. Em relação à cidade do Recife, essa situação se torna ainda mais preocupante. A capital pernambucana foi classificada como a mais violenta do Brasil, com risco de morte de 66,38 para cada 100 mil habitantes, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada”. (FACEPE, 2005).

A Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú (2005) destaca na promoção do município, que o Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/ONU) classifica Balneário Camboriú em sétimo lugar entre os 5.507 municípios brasileiros com melhor qualidade de vida e em segundo lugar entre as 293 cidades catarinenses – informação que pode ser conferida no ranking de Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal (IDH-M) publicado pelo PNUD (2005).

Em *sites* promocionais de Santa Catarina dedicados ao turismo³ se exaltam atrativos como as praias, a estrutura de lazer, que conta com casas noturnas, passeios de escunas e helicóptero, parque com bondes aéreos e trilhas em meio à Mata Atlântica, lojas diversificadas e *shopping centers*, restaurantes com cardápios nacionais e internacionais, lanchonetes, bares e cafés, além de uma infra-estrutura hoteleira formada por 110 hotéis e 14 pousadas, num total de 20 mil leitos. A mídia nacional se encarrega de divulgar estes dados, ajudando a construir uma imagem favorável de Balneário Camboriú e colocando-a distante de desastres ecológicos e conflitos sociais que poderiam influenciar negativamente a decisão do turista.

A fragilidade das estruturas urbanas no que se refere à segurança pode resultar no declínio do turismo, desta forma comprometendo a manutenção das atividades que sustentam a economia da cidade. Há que se reconhecer que, além de agentes de uma série de reflexos sociais negativos, os

³ “Dotado da maior infra-estrutura hoteleira de Santa Catarina – cerca de 100 hotéis e 14 pousadas, que dispõem de 20 mil leitos – Balneário Camboriú fica próximo a grandes destinos turísticos. Passeando pela orla central é fácil perceber porque Balneário Camboriú vem sendo considerado o maior pólo turístico do Sul do Brasil [...] Além do visual paradisíaco, o conjunto de atrações propõe muito entretenimento para todos os gostos e idades. São centenas de bares com música ao vivo, restaurantes de todos os gêneros, casas de shows, boates, cervejaria, centros de compras e muito mais” (GUIA DE SANTA CATARINA, 2005).

Para mais informações, consultar:

- SECRETARIA DE TURISMO DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Disponível em: <<http://www.secturbc.com.br>>. Acesso em: 23 fev. 2006.
- BELA SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/camboriu>>. Acesso em: 23 out. 2005.
- BRASILVIAGEM.COM. Disponível em: <<http://www.brasilviagem.com/cidades/?CodCid=107>>. Acesso em: 23 out. 2005.
- TUDOSC TURISMO. Disponível em: <<http://www.tudosc.com.br/balneario.htm>>. Acesso em: 23 out. 2005.

impactos da violência sobre o movimento de turistas são ameaças à estabilidade da economia local, traduzidas em prejuízos econômicos e na inviabilidade da principal fonte geradora de emprego e renda do município.

Estes argumentos ajudam a mostrar a relevância do tema desta pesquisa e a importância de trabalhos conduzidos no sentido de conhecer e entender as relações intrínsecas entre turismo e segurança pública, na tentativa de garantir a sustentabilidade de uma atividade econômica associada à qualidade de vida das pessoas que em torno dela orbitam.

A segurança pública constitui elemento indissociável da rede de ofertas e serviços imbricados ao atendimento turístico, já que o principal cliente, o turista, procura qualidade e ela implica manter qualquer produto ou serviço dentro de níveis e tolerâncias aceitáveis para o consumidor. Quando o destino turístico começa a incorporar vulnerabilidades – e as redes de informação se encarregam de acentuá-las – o turista antevê riscos e tende a mudar sua rota.

Diante destas informações, a pergunta de pesquisa do projeto que originou este estudo foi na verdade um questionamento a falta de informações sobre a segurança em Balneário Camboriú, assim como uma necessidade do pesquisador em descobrir: **quais os conflitos e violências mais comuns ocorridos no município de Balneário Camboriú (SC) durante a temporada de verão 2006?**

Importa frisar que a questão da segurança pública, nesta investigação, não é analisada separadamente da sociedade urbana que compõe a localidade turística, pois se entende que as tensões e confrontos que se originam neste tecido social convergem para todas as atividades nela desenvolvidas e têm reflexos na qualidade de vida da população local. Afinal, como defende Barretto (2000, p. 12), o turismo não é apenas uma indústria de viagens de prazer ou um simples negócio, “é um amálgama de fenômenos e relações”.

Considerando o quanto Balneário Camboriú faz parte deste fenômeno de relações, construímos a pesquisa que agora relatamos, a partir dos seguintes objetivos:

Geral: Conhecer o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão do município de Balneário Camboriú (SC).

Específicos:

- Caracterizar o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local;
- Verificar os tipos de conflitos e violências registrados com maior frequência pela polícia local;
- Analisar os discursos dos dados fornecidos pela polícia.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.3.1 Tipo de estudo:

No estudo realizado foi adotado o método qualitativo que, segundo Cameron et al (1992), permite o uso de diferentes instrumentos e recursos para a coleta de dados, como a observação do fenômeno durante a investigação, as entrevistas estruturadas ou não, os questionários, os vídeos, as gravações em áudio, as fotografias e o exame de documentos.

Para Minayo (1992), as abordagens qualitativas são capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade possíveis de interpretar pela análise dos discursos dos atores enquanto sujeitos da pesquisa e enquanto sujeitos sociais – resumindo, enquanto sujeitos coletivos que expressam o discurso de muitos sujeitos individuais. A preocupação em aprofundar a compreensão do fenômeno social da violência e suas repercussões no turismo implicou na busca de dados não-métricos que somente podem ser obtidos a partir de uma perspectiva qualitativa.

Considerando a perspectiva acima, a investigação proposta consistiu em pesquisa documental e entrevistas. Sobre a pesquisa documental, Godoy (1995) afirma que se constitui em uma das possibilidades oferecidas pela abordagem qualitativa e é desenvolvida a partir do exame de materiais que ainda

não receberam tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Já, as entrevistas se constituem em documentos que atualizam, confirmando e/ou desmentindo o que se encontrou na análise documental.

Cintra (2000, p. 21) argumenta que a historiografia de qualquer ramo do conhecimento é primordialmente baseada em pesquisa documental, eventualmente complementada por entrevistas, depoimentos, fotos, etc, “mas, para além do óbvio, aproveitamento dos dados explícitos do que constitui o conteúdo dos documentos analisados, a partir deles pode-se chegar a valiosas informações adicionais”.

1.3.2 Universo de estudo:

Essa etapa foi desenvolvida nos meses de agosto e setembro de 2006, com consulta a documentos, resultados das informações de Boletins de Ocorrências (B.O.) emitidos por órgãos policiais de Balneário Camboriú durante a temporada de veraneio de 2006.

O interesse, nessa fase, foi o de verificar os tipos de conflitos e violências registrados com maior frequência pela polícia local, dando ênfase aos casos que envolveram turistas. Como os dados registrados são também estatísticos, a idéia foi a de associar estes dados numéricos a outros fornecidos através da entrevista dos policiais que aceitaram participar deste estudo.

Estes informantes num total de cinco (05) policiais são funcionários da Secretaria de Segurança Pública de Balneário Camboriú. A escolha dos participantes para a pesquisa foi feita aleatoriamente e de conformidade com a disponibilidade dos entrevistados.

Importante ressaltar que para atender aos objetivos da pesquisa buscou-se por entrevistados que atuavam com a realidade da pesquisa, ou seja, que atuavam com a realidade da Delegacia de Polícia em Balneário Camboriú.

O perfil dos mesmos se insere nas seguintes características profissionais e pessoais:

LOCAL DE ATUAÇÃO	SEXO	IDADE	PROFISSÃO FUNÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO
S.S.P. – Delegacia de Policia de Balneário Camboriú	Masc.	49	Bacharel em Direito Delegado de Policia	8 anos
S.S.P. – Delegacia de Policia de Balneário Camboriú	Fem.	28	Bacharel em Direito Escrivã de Policia	2 anos
S.S.P. – Delegacia de Policia de Balneário Camboriú	Fem.	53	Técnico Criminalista	23 anos
S.S.P. – Delegacia de Policia de Balneário Camboriú	Masc.	24	Estagiário de Direito	1 ano e 6 meses
S.S.P. – Delegacia de Policia de Balneário Camboriú	Masc.	54	Bacharel em Direito Delegado de Policia	34 anos

Quadro 01: Características Profissionais e Pessoais

Fonte: Dados da Pesquisa

Os informantes, atendendo as resoluções da Comissão de Ética em Pesquisa da UNIVALI, embora aqui citados de acordo com a profissão e função, não serão apresentados desta forma e terão garantias de anonimato nas publicações científicas e apresentação deste estudo em eventos; vale ressaltar que todos os informantes, após a leitura do projeto desta pesquisa aceitaram assinar o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ver Apêndice A com modelo do termo).

1.3.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados:

Para a coleta das informações utilizamos para:

- Etapa documental: leitura, organização dos dados, elaboração de discussão;
- Etapa com informantes: roteiro de entrevistas (Apêndice B) que foi adaptado com novas questões sempre que necessário.

1.3.4 Análise dos dados:

Para a análise geral dos dados fizemos:

1. Leituras e transcrições das entrevistas;
2. Comparação dos dados documentais com as falas dos informantes;

3. Ao conjunto de entrevistas realizadas com os policiais que aceitaram participar da pesquisa, foi aplicada a técnica do DSC – Discurso do Sujeito Coletivo, “uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, papers, revistas especializadas, etc.” (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2003, p. 15-16). Para tanto, consideramos o seguinte

- a) As expressões chaves relacionadas a nossa temática – ou seja – palavras, pequenas frases, termos policiais contidas nas entrevistas.
- b) Idéias Centrais – síntese “temática” dos policiais sobre nossa temática.
- c) Ancoragem – base utilizada pelos informantes para as afirmações realizadas.
- d) Discurso do Sujeito Coletivo – discurso final sobre nossos questionamentos.
- e) Com esta análise, fizemos uma discussão utilizando-se ainda os dados das ocorrências e referenciais teóricos do Turismo, do Direito, das Ciências Sociais que sejam pertinentes aos nossos achados.

2 TURISMO E VIOLÊNCIAS: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS

2.1 APRESENTANDO O TEMA E SUAS DIVERSIDADES TEÓRICAS

“O estudo do turismo urbano é, sem dúvida nenhuma, o estudo da mudança na base econômica das cidades, na utilização do espaço urbano, na vida cultural dos residentes” (TYLER; GUERRIER, 2001, p. 309). Esta afirmação, complementada pela frase: “algumas transformações que o turismo produz podem ser previstas, outras talvez sejam inesperadas” (ID., IBID.), sintetiza a temática do presente estudo, que lança um olhar antropológico sobre a dinâmica da atividade turística no município de Balneário Camboriú (SC) e suas conexões com a segurança pública.

Neste debate foram intertextualizados diferentes discursos, de sociólogos, antropólogos, psicólogos, cientistas sociais, especialistas em turismo, saúde e segurança pública. Eles fazem parte da conversa que agora se inicia e suas falas foram selecionadas, em meio a um grande volume de leituras feitas, por se coadunarem com a intencionalidade do pesquisador e por emprestarem, à argumentação deste, uma valiosa contribuição científica.

Importante sustentação teórica é dada por Barretto (2003), que considera imprescindível o aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. A autora defende que o turismo precisa ser estudado de forma abrangente e analisado como um sistema aberto, já que é uma atividade realizada pelos homens em sociedade.

Ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas, as motivações para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos seria uma enorme contribuição das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo responsável. (BARRETTO, 2003, p. 26).

Apresentam-se pressupostos e dados fundamentais para a contextualização do tema em estudo, distribuídos numa seqüência de abordagens que começa pelas motivações do homem para viajar, passando pela evolução das atividades turísticas, até chegar ao turismo de massa e seus efeitos – questão que traz à tona aspectos relacionados à segurança e à violência, aqui tratada como fenômeno indissociável da rotina urbana. Apresentam-se conceitos e tipos de violência, enfatizando-se a violência no Brasil e suas imbricações no turismo.

Considera-se que o turismo é praticado por pessoas que realizam uma atividade fora das suas respectivas cidades e utilizam equipamentos e serviços cuja prestação constitui um negócio, mas não podem ser ignorados os impactos sociais desta atividade. “Sendo o negócio apenas uma parte do fenômeno turístico, analisá-lo somente com os paradigmas econômicos que verificam os fluxos de dinheiro leva ao esquecimento da dimensão antropológica”, adverte Barreto (2003, p. 21). A autora acrescenta que, “ao mesmo tempo, tratar o turismo somente a partir da dimensão socioantropológica e ambiental leva ao esquecimento das suas derivações no plano econômico, o que pode constituir-se numa visão romântica deslocada das atuais condições históricas”.

Em consonância com os argumentos de Barreto (2003), reúnem-se informações relevantes sobre o aspecto econômico do turismo, dedicando-se também espaço para discutir o medo⁴, a outra face da violência que vêm elevando as estatísticas de doenças no Brasil. Sobre esta questão, Kahn (1999, p. 2) destaca que a preocupação com a segurança afeta as decisões de moradores dos grandes centros urbanos de maneira quase imperceptível e autômata: “sem que se perceba, deixa-se de viajar para determinadas cidades, de morar em certas vizinhanças, de estacionar o carro nesta ou naquela rua, de comprar carros conversíveis ou morar em casas. Em função da violência, reordenamos parte de nossa vida e de nossos negócios”.

⁴ Fazendo referência a uma democratização do medo, que leva todos a se sentirem reféns da violência, o diretor-executivo em São Paulo do Instituto Sou da Paz, Denis Mizne (*apud* BIDERMAN, 2004, p. 2) assevera que “isso mexe muito com a vida das pessoas e leva a reações irracionais, como armar-se ou se auto-proteger sem se preocupar com a preservação da vida do outro”.

O medo da violência urbana pode agir na mente e no corpo das pessoas, desencadeando distúrbios mentais e transtornos físicos. O alerta é dado por Ballone (2005a), para quem os atos de violência podem ser comparados a uma espécie de “câncer da alma”. Ele afirma que as vítimas diretas ou indiretas (familiares, e testemunhas, por exemplo) da violência correm um risco de desenvolverem algum transtorno emocional em torno de 60%, enquanto a porcentagem da população geral tem este mesmo risco reduzido a 20%.

A violência em si, não é objeto específico da medicina na medida em que representa um processo social, portanto, muito mais atrelada à política e sociologia. Interessa sim, aqui, comentar sobre os efeitos da violência sobre a saúde das pessoas. Um débito da violência que raramente é publicada na mídia, preocupada muito mais com a descrição e teatralização do ato violento em si, do que com as conseqüências deste sobre a felicidade e saúde das pessoas. (BALLONE, 2005a, p. 4).

Com base nos argumentos até aqui apresentados, julga-se importante tecer relações entre turismo e violência, segurança e saúde, movimento e medo, já que estes elementos se misturam no imaginário e na realidade dos sujeitos sociais desta investigação.

2.2 MOTIVAÇÕES, IMPACTOS E CAMINHOS DO TURISMO

O homem sempre perambulou pelo Planeta, numa mobilidade determinada pela necessidade de satisfação de diferentes necessidades e desejos. Lembra Barretto (1997) que o homem das cavernas explorava territórios desconhecidos na busca por alimento, os gregos e romanos viajavam por causa de jogos – os Jogos Olímpicos são exemplo de motivação para viagem na Antiguidade – e guerras, os navegadores europeus se lançavam em viagens marítimas à procura de novas terras e, assim, em cada época histórica, foram diversas as razões para o deslocamento humano. Mas foi somente no século 20 que o lazer ganhou relevância como um dos principais motivos de viagens.

Arrillaga (1976) apresenta, como principais motivações para as viagens de turismo, o simples desejo de viajar, novas experiências, a busca de descanso e a quebra da monotonia. O autor coloca, como condições básicas, dinheiro, transporte e tempo. Entre os fatores determinantes da escolha por um destino, Barretto (1997) enfatiza distância, hospitalidade, política de preços, promoção, infra-estrutura, desenvolvimento tecnológico – incluindo transportes, telecomunicações, condições sanitárias – e segurança. A autora considera, como fatores desfavoráveis, formalidades administrativas excessivas, inflação, controle policial rígido ou vexatório, excesso no controle alfandegário e/ou migratório, epidemias, pobreza, revolução e guerras, conflitos sociais, falta de hospitalidade e desastres naturais.

A Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo (AIEST) adota a seguinte definição de turismo apresentada em 1942 pelos suíços Hunziker e Krapf (*apud* BARRETTO, 1997, p. 11): “conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”. Passado mais de meio século, este conceito se transformou profundamente, ganhando novos contornos, cortes e acréscimos, principalmente das ciências econômicas e das ciências sociais.

Em 1991, a Organização Mundial de Turismo – OMT (*apud* CUNHA, 1997, p. 9) passou a adotar a definição de turismo como um conjunto de “atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros”.

Para Fuster (1974, p. 29), “o turismo consiste numa dinâmica complexa que associa, de um lado, o conjunto de turistas, e do outro, os fenômenos e relações que as pessoas produzem como consequência de suas viagens”. O autor considera que o turismo reúne as organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo receptor e também os estudos para deduzir os lineamentos das políticas a serem seguidas.

Quanto às motivações para o turismo, Acerenza (1995) observa que o processo de industrialização acelerada no mundo capitalista e a diminuição da qualidade de vida nos grandes centros urbanos evidenciaram, no período compreendido entre o final do século XVIII e todo século XIX, como uma das principais motivações para as viagens, o prazer do descanso e da contemplação de paisagens, mas na primeira metade do século XX, o interesse de realizar negócios ou promover estudos se manifestou como uma forte razão para os deslocamentos humanos. De lá para cá, múltiplos e novos motivos estimulam o crescimento do turismo.

Em meio século, o turismo passou de 25 milhões para cerca de 700 milhões de chegadas registradas nas fronteiras dos vários países do mundo, um espetacular aumento que ficou a dever-se a vários factores determinantes das condições para ele propícias e dando origem, na história do turismo, ao período da sua massificação (VIEIRA, 2004, p. 136).

Seja qual for o motivo que os levam a sair de casa, os turistas colaboram para o crescimento de uma indústria que tem nas viagens⁵ seu principal produto. “Pensa-se atualmente que as viagens ocupam 40% do tempo livre disponível. Se as pessoas não viajam, elas perdem status. As viagens são indicadores de status”, analisa Urry (1990 *apud* FEATHERSTONE, 2000, p. 93).

Esta busca por status, envolta por uma intrincada teia de motivações psicológicas e sociais, contribui para fortalecer o carácter do turismo como atividade econômica, porque embute associações diretas com a capacidade de gastos⁶ dos visitantes. Isto porque o status se relaciona não necessariamente

⁵ O crescimento da chamada “indústria do turismo” pode ser verificado por estatísticas que evidenciam a movimentação de pessoas pelo mundo. De acordo com Organização Mundial do Turismo – OMT (2006), em 2005 foram registrados 808 milhões de desembarques em todo o mundo. Isto significa que o turismo mundial cresceu 5,5% em relação ao ano anterior, alcançando incrementos de 4% na América do Norte, 5% no Caribe, 10% na África 10%, 7% na Ásia e no Pacífico e 4,3% na Europa. No Brasil, segundo a Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária – INFRAERO (2005 *apud* ABAV, 2006), a quantidade de desembarques internacionais atingiu 6.784.554 no ano. Somente em dezembro de 2005, foram registradas 586.138 chegadas em aviões vindos do exterior.

⁶ Dados fornecidos pelo Banco Central do Brasil (2005 *apud* ABAV, 2006) mostram que o gasto dos brasileiros que fazem turismo no exterior é maior que o valor desembolsado pelos turistas estrangeiros no Brasil. Em 2005, ingressaram no Brasil, por meio de gastos de turistas estrangeiros, US\$ 3,861 bilhões, valor 19,83% superior ao contabilizado em 2004, que fechou com US\$ 3,222

com o destino, mas com o grau de sofisticação e o montante das despesas efetuadas.

Numa perspectiva econômica, Jafari (1994) salienta que muitos países têm no turismo não mais uma atividade complementar, mas sua principal fonte de renda, enquanto Middleton (1994, p. 20) define a economia do turismo como “a soma de componentes tangíveis e intangíveis, baseados em uma série de atividades no destino, que é percebida pelos visitantes como uma experiência e tem determinado preço”.

Para que se alcance a qualidade do produto turístico total – resultado que depende da qualidade do conjunto de elementos que compõem o turismo e da sinergia entre eles, as políticas do setor devem envolver, conforme Palomo (1985), três classes de elementos: os fins a alcançar, relacionados, dentre outros fatores, ao aumento dos ingressos e à melhoria da qualidade de vida da população; os meios utilizados, representados por uma oferta de alta qualidade, com preços competitivos, e as relações entre fins e meios, equivalente ao conjunto da demanda turística.

Kotler (1999, p. 145) é bem mais incisivo na retórica em favor da indústria do turismo que, para ele, “é, sem dúvida, a atividade econômica que conduz ao desenvolvimento, porque o intercâmbio social, cultural e a distribuição de renda decorrente de gastos pulverizados na economia pelos turistas somados ao seu elevado multiplicador de renda são os elementos marcantes desta atividade”.

Com uma visão direcionada aos aspectos mercadológicos, Kotler (1999) recomenda a construção da imagem da cidade para a captação de investimentos e atração de divisas. Concebe a hospitalidade e a cortesia como vantagens competitivas a serem trabalhadas pelas empresas que atuam no setor e vê o destino turístico como uma marca que, se bem estabelecida, pode atrair investimentos privados e gastos de turistas, incrementando a captação de renda e de divisas.

bilhões. Já os gastos de turistas brasileiros no exterior em 2005 somaram US\$ 4,720 bilhões – US\$ 397 milhões só em dezembro. Portanto, houve um déficit de US\$ 859 milhões na balança do turismo brasileiro em 2005.

Outros autores defendem uma visão mais ampla do turismo. Ascanio (1992) argumenta a favor do estudo do comportamento dos viajantes e dos anfitriões, o relacionamento entre eles, o espaço geográfico e o contexto, de forma a descobrir e explicar as relações internas e externas do turismo e seus efeitos.

Para Molina (2003, p. 106), “a relevância contemporânea do fenômeno turístico não pode ser explicada a partir do pressuposto econômico. Isso implica decompor o objeto, reduzindo-o a um dos seus elementos simples”. Ele é incisivo ao criticar a visão puramente econômica da atividade, declarando que o modelo de indústria turística “não é o turismo: é uma elaboração conceitual econômica tangível, cuja essência está delineada por uma cosmovisão materialista, mecanicista e reducionista da experiência humana” (ID., IBID.).

A respeito da chamada “indústria turística”, Cunha (1997, p. 230) analisa:

Se por indústria se entender o conjunto de operações que concorrem para a transformação das matérias-primas com vista à produção de riquezas ou o grupo de empresas consagradas a um mesmo tipo de atividade econômica, conclui-se que algumas atividades têm, no turismo, a característica de indústria, mas não há sentido falar em indústria no conjunto do turismo. Enquanto na atividade industrial as matérias-primas sofrem transformação física ou química, dando origem a um bem diferente, no turismo, os recursos se mantêm **inalterados** com sua utilização (grifo nosso).

Sobre esta questão, Irving (2002, p. 19) pondera que a indústria turística vem crescendo velozmente, principalmente em regiões menos favorecidas sob a ótica socioeconômica, mas extremamente pulverizadas em relação ao seu patrimônio cultural e ambiental. “O avanço turístico, no entanto, nem sempre ocorre a favor das populações locais e, freqüentemente, é responsável por fenômenos significativos de exclusão social, descaracterização cultural e degradação ambiental”.

Numa outra análise sobre o tema, Carlos (1999, p. 26) acusa a indústria do turismo de transformar tudo o que toca em artificial, de criar “um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o ‘espetáculo’ para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de

atividades que conduzem à passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão”. Deste modo, prossegue a autora, “o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega à manipulação, desfrutando a própria alienação e a dos outros”.

Barros (2004) alerta que o crescimento do turismo inevitavelmente afeta não apenas a economia urbana, mas também o meio ambiente natural (ar, água, solo, flora, fauna, clima, condições geológicas), sociocultural (valores, comportamentos, relações familiares, expressões criativas, cerimônias tradicionais, estilos de vida) e físico (edifícios, monumentos, tecido e mobiliário urbano, espaços abertos, parques artificiais) das cidades. “Conflitos socioculturais constituem apenas um dos vários impactos negativos que o turismo pode vir a causar no meio ambiente sociocultural de algumas cidades”, observa Barros (2004, p. 3). Segundo a autora, a polarização geográfica das atrações e acomodações turísticas tem provocado medo e desconfiança mútua entre os viajantes e os habitantes locais de algumas cidades, causando conflitos e antagonismos.

[...] o turismo pode impactar negativamente não apenas o meio ambiente físico e sociocultural das cidades, mas também o meio ambiente natural. Ilustrando: a exaustão proveniente dos veículos automotores utilizados no transporte dos turistas, tem contribuído significativamente para o aumento dos níveis de poluição nos grandes centros urbanos. Todavia, enquanto as atividades turísticas são apenas parcialmente responsáveis por tal poluição, a forma e estrutura urbana têm um papel fundamental na melhora da qualidade ambiental. Argumenta-se que a poluição urbana pode ser drasticamente diminuída desde que a forma urbana resulte em uma combinação de altas densidades residenciais, uso-misto e uma eficiente rede de transporte público (BARROS, 2004, p. 4).

Beni (1997) entra na discussão, colocando duas noções – a de sujeito do turismo e a de objeto do turismo – e situando o homem no centro de todos os processos que nascem do turismo, cuja função econômica é subsidiária. Na perspectiva do autor, “o turista é também fonte de uma série de elementos não-materiais que surgem da sua permanência na localidade turística e que se completam em uma série de relações humanas e materiais, de cuja complexidade e beleza o fenômeno se reveste”. (BENI, 1997, p. 39).

Também entendendo o turismo como uma atividade complexa e muito horizontal que afeta notáveis âmbitos de competência setoriais, Rebollo (1997) considera que ele necessita ser organizado e orientado tendo em vista o seu amplo impacto na criação de emprego, renda e relações sociais.

Pelos argumentos até aqui apresentados, o turismo não pode ser visto simplesmente como um movimento econômico; “é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente”, assevera Barretto (1997, p. 2), acrescentando que “é um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial”.

Vieira (2004, p. 136) oferece reforço a esta teoria, analisando que neste século o turismo economicista está dando lugar ao turismo humanista, ao “turismo de rosto humano”. Nesta transformação, analisa o autor, o turista impõe um novo modelo de desenvolvimento, “rejeitando as efêmeras, tímidas e infrutíferas tentativas de ressurreição e modernização do já gasto e irrecuperável modelo tradicional”.

Cabe lembrar que esta não é uma temática de discussão recente. No começo da última década do século passado, Haulot (1991) já defendia a idéia de que o turismo deve colocar o homem como protagonista de seus desejos, ressaltando que, para alcançar os objetivos humanos desta forma específica de ocupação do tempo livre, é indispensável uma participação ativa e consciente do indivíduo, do viajante, que deve assumir a responsabilidade quanto à escolha do seu destino, à preparação de sua viagem, à busca de um benefício medido não em dinheiro, mas em felicidade.⁷

Para Haulot (1991), o turismo deveria representar uma ocasião privilegiada de mútuo descobrimento e conhecimento, como uma escola de

⁷ “Si es cierto que al cabo del esfuerzo anual de trabajo, el individuo tiene necesidad urgente de aerearse tanto el corpo como el espíritu, esta verdad se aplica también a todo el cuerpo social. Y es prestar a la sociedad humana em todas sus formas e em todos sus grupos un pobre servicio si se permite que se prolongue tal distorsión, tal deformación de los hechos, de los corazones e de los espíritus. Por la tanto, la Conferencia de Manila hace un llamado al hombre mismo, al hombre anhelante de turismo, cuando lo invita a asumir completamente su responsabilidad en su elección de destino, en el arte de preparar su estancia o sua viaje, em la búsqueda del mayor beneficio, medido no em dinero sino em felicidad”. (HAULOT, 1991, p. 137).

solidariedade entre visitantes e anfitriões.⁸ Ele salientava que não era somente em nome de um ideal humanista que se sugeria aos operadores de turismo se preocuparem também com a satisfação profunda do “cliente”, mas sim porque entre um e outro há laços de solidariedade que resultam em benefícios para ambos.

Há ainda que se considerar os avanços tecnológicos que têm permitido até as viagens pagas para fora do Planeta. Num tempo em que o deslocamento humano pode ultrapassar estas fronteiras, evidencia-se, segundo Grünewald (2001), a busca pelo exótico como forma de experiência turística. Sobre isto, o papa João Paulo II (2001, p. 1) observou que “surgem sofisticados centros de férias, distantes de um contacto real com a cultura do País que recebe, ou caracterizados por um ‘exotismo superficial’ para uso dos curiosos, sequiosos de novas sensações”. Isto inclui a exploração de mulheres e de crianças para o comércio sexual. Em sua mensagem por ocasião do XXII Dia Mundial do Turismo, João Paulo II (2001, p. 1) apontou a necessidade de fazer tudo o que for possível para que o turismo não se transforme numa “moderna forma de exploração, mas sim, ocasião para um útil intercâmbio de experiências e para um proveitoso diálogo entre civilizações diferentes”.

E antes que a viagem espacial ou interplanetária surja como nova modalidade de turismo, na qual o homem sairá da biosfera terrestre em ônibus espaciais por meio de pacotes promocionais em busca de satisfazer suas curiosidades sobre os mistérios do universo, “devemos ter consciência da necessidade de se promover o desenvolvimento humano e a diminuição das desigualdades sociais aqui na Terra”, recomenda o engenheiro de pesca Guimarães (2005, p. 3), ressaltando a importância do turismo solidário no Brasil.

O turismo solidário é um novo ramo da atividade que tem como objetivo aliar o turismo no combate à pobreza. O objetivo dos programas, já desenvolvidos em algumas localidades brasileiras, é fomentar o fluxo de pessoas

⁸ “Debemos precisar este punto del debate. No hacemos un llamado a una exaltación – ipor ende bien inútil! –del egoísmo o del egocentrismo. No se trata de oponer el astuto al manejable, el inteligente al pasivo, para congratularse de uno en detrimento del otro. Se trata de actuar de tal modo que el turismo se revele a todos como una ocasión privilegiada de mutuo descubrimiento y conocimiento; como una escola de solidaridad entre visitantes y visitados; como um lugar de pensamiento en donde se afirma el destino común de lo que, en nuestro planeta, participa de la vida consciente de la especie”. (HAULOT, 1991, p. 138).

interessadas em conhecer as cidades, seu povo, sua cultura e interagir com a população local em projetos sociais. Um exemplo é o projeto 'Acolhida na Colônia'. Localizada na região sul de Santa Catarina, no território conhecido como Encostas da Serra Geral, a experiência se caracteriza pela abertura das pequenas propriedades rurais de agricultores familiares para o turismo, aliada à produção de alimentos orgânicos.

Estes projetos de turismo solidário não visam à construção de complexos turísticos e nem mesmo de pousadas. A idéia é que os visitantes sejam recebidos nas casas das famílias para que possam conhecer, ao máximo, a cultura e os costumes locais. Além dessa convivência, as viagens são incrementadas com outros atrativos que podem ser desde visitas a pontos históricos a passeios em cachoeiras e reservas ambientais próximas dos lugarejos.

A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (2005, p. 1) debate esta nova idéia de turismo em crítica ao modelo de desenvolvimento centralizador e excludente, propondo um modelo que privilegie a inclusão por meio da igualdade de oportunidades, da transformação social e da superação da lógica capitalista. A organização considera o turismo como “vetor de mudanças estruturantes e de inclusão social, quando incorpora os valores e princípios da economia solidária e os modelos de gestão e participação populares”, elencando a valorização do território, o reconhecimento das diferenças étnicas, religiosas, de gênero e geração, a solidariedade e ética nas relações políticas, econômicas e sociais, e a produção.

O turismo solidário e comunitário, segundo a Rede, quer mudar o caráter do turismo global, questionando o mito do turismo como um dos maiores geradores de emprego e renda e denunciando as políticas centradas na atração de investimentos que não levam em consideração a participação e o desenvolvimento das comunidades locais.

Sobre este aspecto humano importante que é a solidariedade, João Paulo II (2001, p. 2) afirmou:

O turismo põe em contacto com as outras formas de viver, com outras religiões, com outras formas de ver o mundo e a sua história. Isto leva o homem a descobrir-se a si mesmo e aos outros, como indivíduos e como colectividade, imersos na vasta história da humanidade, herdeiros e solidários de um universo familiar e ao mesmo tempo desconhecido. Surge uma nova visão dos outros, que liberta do risco de permanecer fechados em si próprios. Uma justa ética do turismo influi sobre o comportamento do turista, faz com que ele seja um colaborador solidário, exigente consigo mesmo e com quantos organizam a sua viagem; agente de diálogo entre as civilizações e as culturas para construir uma civilização do amor e da paz. Estes contactos facilitam o aparecimento daquelas relações de paz entre os povos que podem brotar apenas de um "turismo solidário", baseado na participação de todos. Unicamente a participação de "igual para igual" pode fazer com que os contactos interculturais sejam uma oportunidade para a compreensão, o conhecimento recíproco e a distensão entre os homens. Por isso, devem ser encorajadas todas as formas de participação eficazes entre as culturas. É necessário garantir aos habitantes das localidades turísticas um devido envolvimento na planificação das actividades turísticas, esclarecendo bem os limites económicos, ecológicos ou culturais.

2.3 VIOLÊNCIA: CAUSAS E CONEXÕES POSSÍVEIS

Se há um século o turismo foi massificado como fenómeno social e económico, também foi a partir dessa época que a questão da violência assumiu centralidade nos debates públicos. Cabe considerar que ambas as questões, embora com discussões separadas, mantêm fortes conexões com os avanços dos processos produtivos, dos transportes e das comunicações, com a automatização da indústria, com mudanças de comportamentos e expectativas do ser humano.

Wieviorka (1999) salienta o quanto é difícil definir a noção de violência, já que variável no tempo e no espaço, ela é consequência de um sistema de representação e de percepção particular, que gera medo e o sentimento de insegurança que dependem ao mesmo tempo de fatores subjetivos e objetivos. O autor vê na violência urbana a tradução de expectativas, desejos e pedidos e de conflitos que não encontram outros canais para se expressar.

A palavra violência deriva do latim *violentia* que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força

vital). Essa força, segundo Zaluar (1999), torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica.

A violência é geralmente associada a um dano físico, mas ela pode também corresponder a um dano psicológico ou à transgressão de uma norma. Reunindo estes três elementos, Michaud (1989, p. 11) considera que há violência quando,

[...] numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Adorno (2002) analisa que a violência está vinculada aos fortes incrementos da pauperização social e da precariedade urbana resultante das transformações no mercado de trabalho e no processo de urbanização. Nas grandes cidades, associa-se a altas taxas de criminalidade e homicídios e ao tráfico de drogas. A situação de periferia e de exclusão social, portanto, passa a incorporar vulnerabilidades e riscos advindos de um conjunto complexo de causas e determinantes mais amplos.

Ao tratar das formas de violência cotidiana, o mesmo autor se refere a um infindável número de situações, em geral envolvendo conflitos entre pessoas conhecidas, cujo desfecho acaba, muitas vezes até acidental e inesperadamente, na morte de um dos contendores. Ele relaciona conflitos entre companheiros e suas companheiras, entre parentes, entre vizinhos, entre amigos, entre colegas de trabalho, entre conhecidos que freqüentam os mesmos espaços de lazer, entre pessoas que se cruzam diariamente nas vias públicas, entre patrões e empregados, entre comerciantes e seus clientes.

Adorno (2002, p. 100) diz que estes conflitos resultam, em não poucas circunstâncias, de desentendimentos variados acerca da posse ou propriedade de algum bem, acerca de paixões não correspondidas, compromissos não saldados, reciprocidades rompidas, expectativas não preenchidas quanto ao

desempenho convencional de papéis como os de pai, mãe, mulher, filho, estudante, trabalhador, provedor do lar. “No mais das vezes, revelam o quanto o tecido social encontra-se sensível a tensões e confrontos que, no passado, não pareciam convergir tão abruptamente para um desfecho fatal”.

Fazendo referências à ambivalência e à ambigüidade como marcas do Brasil, “país da mistura de raças, do hibridismo cultural, do sincretismo religioso”, Zaluar (1999, p. 91) afirma que é preciso entender as formas atuais de manifestação de violência no Brasil dentro do panorama do crime organizado internacionalmente e considerando as complexas relações deste com o mundo legal dos negócios e as instituições que deveriam combatê-lo. “Hoje temos uma questão social, que é também uma questão de educação e de saúde pública articulada a uma questão jurídico-penal e policial a enfrentar simultaneamente”. (ID., IBID., p. 98).

Analisando a questão numa perspectiva jurídica, Saul (1999, p. 121) destaca que este medo da violência que se instaura na sociedade, motiva “o avanço da legislação repressiva e antidemocrática”.

Na verdade, complementa Streck (1999, p. 462), “temos um Código Civil feito para os que têm e um Código Penal que é feito para os que não têm nada”. Ele aponta que a sociedade cria os mendigos e ao mesmo tempo pune e mendicância como contravenção penal.

Embora seja hoje inadmissível explicar a violência unicamente se apegando à miséria, não há como desassociá-las. Entre os muitos estudiosos que admitem a existência de uma relação estreita entre miséria e violência, Saul (1999) constata que a extensão da pobreza e da miséria resulta de um processo de modernização que combina altos índices econômicos com elevados índices de marginalização de indivíduos das atividades produtivas organizadas.

A precarização do emprego como elemento central da reorganização econômica patrocinou a expansão da pobreza como signo da vulnerabilidade individual e de massa. Ensejou, como via de conseqüência, a disseminação da insegurança que por sua vez é fator decisivo na institucionalização da violência. (SAUL, 1999, p. 122).

De acordo com Adorno (2002), os padrões de concentração de riqueza e de desigualdade social permaneceram os mesmos de quatro décadas, mas os índices de violências – nas suas mais distintas modalidades, incluindo crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas – cresceram, porque as tensões sociais se acentuaram. Isto pode ser em parte explicado pela modificação nas relações de causalidade entre pobreza, delinqüência e violência, sustentada por novos padrões de consumo e de acesso a bens duráveis que influenciam principalmente os jovens.

O fenômeno se agrava com a flexibilização econômica no campo produtivo que está reduzindo o mercado de trabalho a uma dinâmica perversa. Este quadro aponta para um grave problema brasileiro: grande parte da população jovem está fora do mercado de trabalho formal. É um grupo excluído de oportunidades de emprego e de obtenção de renda lícita. Nasce daí um conflito: muitos jovens, atraídos pelos apelos do consumismo e diante da impossibilidade de responder a eles, optam por formas marginais de conseguir dinheiro e satisfazer seus desejos. O envolvimento com gangues e com o mundo das drogas tem se constituído num caminho fácil e aberto a novos adeptos. E não faltam recrutadores neste universo da criminalidade.

Nesta linha de raciocínio, Pochmann (2003, p. 55) pontua que a violência “possui vários outros nexos, mas não se pode negar a sua associação com a falta de perspectivas de inserção do jovem na vida social”. Ele salienta que os bens de consumo “têm uma expressão próxima de um código de significação e avaliação individual, funções e situações” e que, neste aspecto, “o processo material de existência humana tende a estar organizado de acordo com a qualidade simbólica de identidade social, em que a cultura da propriedade concreta termina orientando a utilidade e posição individual” (ID., IBID., p. 32).

A obtenção do objeto de desejo, que pode ser um tênis de marca famosa, a jaqueta impressa no outdoor da esquina ou um relógio de pulso, muitas vezes justifica a violência daquele que não o tem contra outro que o possui. As mercadorias da moda e o dinheiro para comprá-las são os alvos principais dos

roubos, furtos e pequenos assaltos praticados por adolescentes em locais de grande movimentação.

Referindo-se à desigualdade social no universo brasileiro, Buarque (1991, p. 19-20) já asseverava, no início da década de 1990, que a modernização é vista independentemente do bem-estar coletivo. “Obtém-se imenso poder econômico, mas ele não consegue resolver os problemas da qualidade de vida. Constroem-se estruturas sociais que, ao se fazerem modernas, mantêm todas as características do que há de mais injusto e estúpido”.

Para o Estado, a violência urbana também representa dispêndios significativos. São retirados recursos da saúde, da educação e do saneamento básico para financiar a infra-estrutura penitenciária e os serviços de apoio às vítimas. A falta de confiança da população nas instituições agrava a situação.

Arendt (1994, p. 58) critica a retração das instituições públicas em sua responsabilidade quanto à violência, ressaltando que “quanto maior é a burocratização da vida pública, maior será a atração pela violência”, já que o cidadão, sem poder contar com apoio das instituições, desiste de exercer a cidadania. Este sentimento de orfandade do Estado leva à instauração de um sistema paralelo de justiça. Para a autora, poder e violência caminham em sentidos opostos: quanto menos poder, no sentido da democracia participativa, mais violência.

Retornando ao conceito de violência, Arendt (1994) destaca que, para o senso comum, a violência é resultado do sentimento de ódio, visto como sentimento irracional, mas ao usar a violência como instrumento o homem não se torna um ser irracional, apesar de entrar num processo de desumanização. “O mais claro indício da desumanização não são o ódio e violência, mas a sua ausência conspícua [...] o ódio aparece apenas onde há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são. Reagimos com ódio apenas quando nosso senso de justiça é ofendido” (ID., IBID., p. 47).

Importa assinalar, recorrendo a Souza e Minayo (1999, p. 113), que o contexto geral da violência, sobretudo nas grandes cidades, alterou as relações da vida cotidiana.

O risco de ser vítima escolhida ou fortuita alcançou amplos setores da população gerando medo, pânico, saídas individualistas e a busca de precaução e prevenção através do enclausuramento, de seguranças privadas e outros meios de proteção à propriedade privada e à vida (ID., IBID.).

E motivos não faltam para o medo. Segundo Cerqueira, Lobão e Carvalho (2005), nos últimos 25 anos ocorreram 794 mil assassinatos no Brasil e nesse período houve um crescimento médio anual de 5,6% do número de homicídios, o que posicionou o país entre os mais violentos do mundo.

Diante dessa marcha acelerada da violência letal no Brasil desde 1980 não cabe afirmar que se trata de uma explosão súbita de criminalidade; mais correto seria dizer que há uma tragédia anunciada, cujos incidentes evoluem com regularidade estatística espantosa, em um verdadeiro processo endêmico, tendo em vista a sua generalização espacial e temporal, bem como a presença de um conjunto de fatores estruturais e locais que alimenta esta dinâmica criminal (CERQUEIRA; LOBÃO; CARVALHO, 2005, p. 9).

Há grandes variações segundo a distribuição geográfica e a faixa etária das vítimas. Roraima, Pernambuco e o Rio de Janeiro são os estados líderes em homicídios no país, com taxas que superam os 50 assassinatos para cada 100 mil pessoas. Também é preocupante o crescimento do número e da taxa de homicídios por 100 mil habitantes no país desde 1980, ano em que ocorreram 13.877 homicídios, o que significou uma taxa de 11,7 por 100 mil habitantes. Em 2002, quando 49.587 pessoas foram assassinadas, a taxa por 100 mil habitantes era de 28,5. (CERQUEIRA; LOBÃO; CARVALHO, 2005, p. 12).

Com base nesses indicadores de homicídios, os autores consideram que, nas últimas duas décadas e meia, as condições de segurança pública se deterioraram vertiginosamente no Brasil e que o crescimento dos homicídios não ficou restrito apenas às grandes regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo, mas se propagou para quase todas as regiões do país, o que já caracteriza, para eles, “um processo endêmico da violência letal no Brasil” (ID., IBID., p. 16).

O estudo sugere que altas taxas de desemprego estão correlacionadas com a violência no país, independentemente do porte dos

municípios. Taxas de ocupação e taxas de homicídios no Brasil parecem, entretanto, não estar tão fortemente correlacionadas. Observou-se que há uma associação negativa entre as variáveis, ou seja, quanto menor a taxa de ocupação maior a violência, e vice-versa. Mas os autores ponderam que o desemprego, por si só, não é suficiente para a criminalidade, considerando que a taxa de homicídios verificada no Brasil é resultado da associação de outros múltiplos fatores, como a proporção da população jovem e de crianças pobres, as desigualdades de renda e a localização espacial dos municípios, isto é, a proximidade a localidades violentas.

Os dados analisados por Cerqueira, Lobão e Carvalho (2005) indicam que o tamanho do município, cuja desorganização social varia no sentido de seu tamanho, é um fator que pode explicar a violência. Eles observam que em municípios de grande porte a violência – analisada por intermédio da taxa de homicídios por 100 mil habitantes – é, em geral, mais elevada do que a verificada em municípios de pequeno porte.

Outro elemento que tem sido apontado como razão da criminalidade no Brasil é a exclusão conjugada à desigualdade socioeconômica. Cerqueira, Lobão e Carvalho (2004) apresentam evidências dessa relação para o Rio de Janeiro e São Paulo em estudo que analisa quantitativamente a dinâmica dos homicídios nas duas últimas décadas nesses dois estados.

Rodrigues (2005, p. 1) discute a relação entre a pobreza e a violência urbana, argumentando que o local de moradia, e não a renda é a variável mais adequada para avaliar a associação entre a pobreza e a violência na cidade. Ela justifica que o corte espacial permite observar as inter-relações entre as dimensões econômica, social, e dos direitos que são fundamentais para a dinâmica da violência, mas que dificilmente seriam percebidas através da observação da renda apenas. Afirma que o local de moradia “serve tanto para identificar onde as agências de justiça e segurança do estado ‘falham’ quanto para identificar os ambientes que, devido às suas características sócio-econômicas, são propícios para a difusão da violência”.

A autora explica que é nas comunidades mais pobres da cidade que a atuação das instituições de justiça e segurança públicas é mais

problemática. Também afirma que as condições precárias de moradia são fundamentais para explicar o contexto de baixa mobilidade no qual estão imersas as comunidades pobres, uma vez que o espaço precário pode impedir o acesso aos recursos que possibilitariam a superação das desvantagens das comunidades com relação aos demais grupos sociais da cidade.

Na análise de Kahn (1999, p. 42), “uma combinação explosiva entre modernização e urbanização aceleradas, desigualdade social, padrões de consumo de primeiro mundo, liberdade política e ausência de freios morais e religiosos” pode ser a maior responsável pelo fenômeno da violência crescente na América Latina, associada à produção de drogas e da economia estagnada em vários países. O autor lembra que, ao lado da Colômbia e do México, o Brasil é um dos casos onde estas variáveis se apresentam de modo mais extremo e, portanto, onde a violência tem mais crescido nas últimas décadas, causando um impacto não desprezível sobre a economia do país.

A violência custa caro, tanto para o país como individualmente, porque ‘segurança’ é um bem desejado por todos, mas cada vez mais escasso. Para garantir este bem, são executados todos os dias dezenas de atos de precaução e adquiridos outros tantos bens no mercado: seguros de toda espécie; cães de guarda; quinquilharias eletrônicas; travas; grades e cadeados de todo tamanho e função (KAHN, 1999, p. 42).

Para o poder público, a segurança se converteu num dos maiores itens orçamentários, já que a cada ano a população exige mais policiais, mais viaturas e armas, novos presídios, juízes, promotores, enfim, uma complexa rede de equipamentos e pessoas para combater a violência.

Kahn (1999) se refere a pesquisas desenvolvidas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID (1998) – que estima que a violência custa ao Brasil US\$ 84 bilhões ou 10,5% do PIB nacional – e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) – que calcula em US\$ 60 bilhões o valor gasto ou perdido, ou 8% do PIB – para enfatizar o montante de recursos que deixam de gerar empregos na cadeia produtiva, de investimentos e consumo, favorecendo a expansão apenas dos serviços especializados de segurança. Ele divide os gastos em três diferentes categorias: aqueles feitos pelo cidadão indiretamente, através de impostos e que

são alocados direta ou indiretamente no combate ao crime; os feitos diretamente pelos indivíduos ou empresas para a compra do bem “segurança” ou perda de patrimônio direta em função do crime; valores que deixam de ser produzidos ou ganhos pela sociedade em razão do medo da violência/outros custos intangíveis.

Dentre outros custos intangíveis, o autor menciona o turismo nacional e internacional desviado para outros locais menos violentos; oportunidades empresariais perdidas (fábricas e lojas instaladas em outros locais); perda da qualidade de vida (estresse, medo); mudanças de estilo de vida (habitantes da cidade saem menos de casa, consomem menos em bares, cinemas, restaurantes, etc. alunos que deixam de freqüentar cursos noturnos e empregados que não querem trabalhar em turnos noturnos).

Dedicado ao estudo da mesma temática, Hughes (2004, p. 93) afirma que a evidência da expansão da violência nos contextos metropolitanos, nas últimas duas décadas, “em íntima associação às questões sociais, desvela o percurso histórico de ampliação da desigualdade social, apresentando características diversas de acordo com as especificidades territoriais e urbanas”. Por isso, ele considera fundamental ampliar a compreensão a respeito desses espaços urbanos e da complexidade envolvida no fenômeno da violência urbana.

Para Cardia e Schiffer (2002, p. 31), “a discussão sobre a violência e sua relação com a manutenção (crescimento) da desigualdade teria que incorporar o papel que a falta de resposta do poder público desempenha na manutenção dos altos índices de violência”. Elas salientam que não se trata de pensar apenas o papel dos agentes encarregados de aplicar as leis, mas de todos os setores que deveriam garantir que a população tenha uma vida digna. As autoras enfatizam que os dados apresentados reforçam que “violência e insegurança caminham junto com pouca qualidade de vida, com ausência de política habitacional, com a implementação deficitária de serviços que podem provocar mais competição entre a população que se deseja, em tese, atender e proteger”.

3 ASPECTOS SÓCIO-ESPACIAIS DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ E ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO

3.1 APRESENTAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ

O município está localizado no centro do litoral catarinense, na microrregião da Foz do Rio Itajaí-açú (latitude: 26° 59' 26"S e longitude: 48° 38' 30" W). Na figura abaixo a localização de Balneário Camboriú na região.



Figura 01: Imagem de Santa Catarina
Fonte: Google Earth (2006)

Balneário Camboriú tem área de 46 quilômetros quadrados e se encontra em média a dois metros acima do nível do mar. Seu território é dividido em 14 áreas, sendo o Centro, 12 bairros e a região de praias agrestes. A Figura 02 corresponde a imagem territorial da cidade.

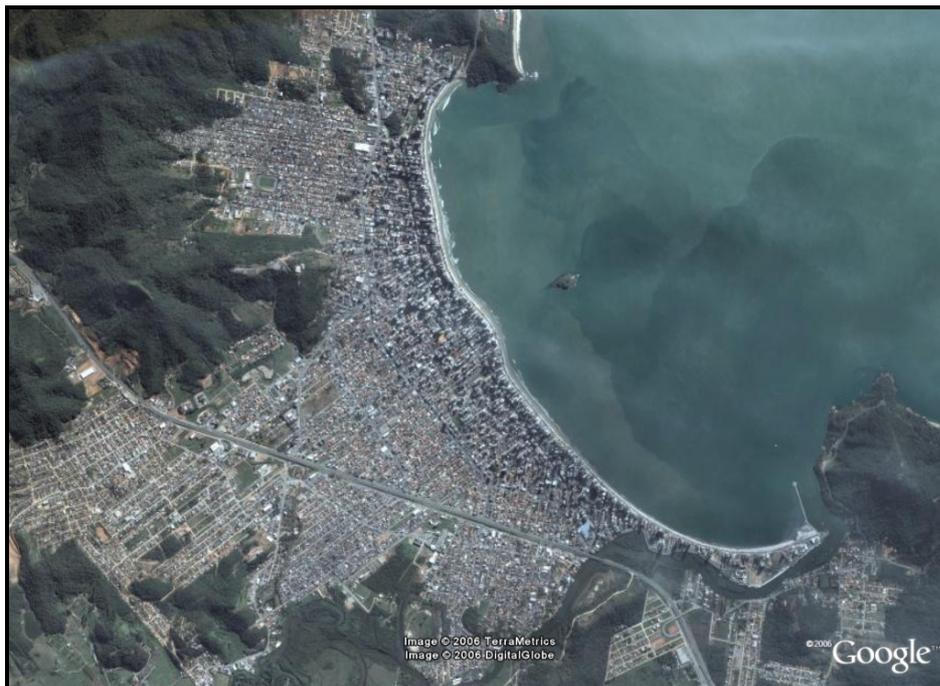


Figura 02: Imagem Territorial de Balneário Camboriú

Fonte: Google Earth (2006)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2005 *apud* SECTUR, 2006), a cidade possui 94.222 habitantes e uma densidade demográfica de 2.048,30 habitantes por quilômetro quadrado.

O clima do município é temperado. Nos meses de dezembro a março, a temperatura chega a atingir a máxima de 40°C e a média de 25°C. A precipitação pluviométrica é de 900 milímetros, sendo que de junho a agosto há maior incidência de chuvas. Isso faz com que o inverno seja um período ameno.

No que se refere aos recursos hídricos, todo o município é banhado a leste pelo Oceano Atlântico. O rio Camboriú, com seus 40 quilômetros de extensão e com sua nascente no município vizinho (Camboriú), corta a cidade de oeste a leste em 2,5 quilômetros. Ao norte, na divisa com Itajaí, está o rio Ariribá com sua nascente na Serra do Ariribá desaguando no Oceano Atlântico e na Praia dos Amores. A leste do rio Camboriú está o rio Peroba.

Quanto ao relevo, o município tem superfícies planas e onduladas com formação do complexo do modelo litorâneo. Na região de Balneário Camboriú, predomina a Mata Atlântica e vegetação rasteira.

Balneário Camboriú fica próximo a importantes destinos turísticos de Santa Catarina. O aeroporto de Navegantes está localizado a vinte quilômetros, o Beto Carrero World a trinta quilômetros e a Praia do Pinho, a primeira do Brasil a permitir a prática do naturismo, a nove quilômetros do Centro da cidade. Florianópolis, a capital de Santa Catarina, fica a 87 quilômetros. Brusque, conhecida pelas suas indústrias têxteis, distante 45 quilômetros e Blumenau, com a famosa Oktoberfest, 58 quilômetros.

3.2 DADOS HISTÓRICOS

A região onde está localizado o município de Balneário Camboriú era habitada por índios tupi-guarani. Fósseis de até 3.000 anos, encontrados na Praia de Laranjeiras, indicam que grupos indígenas viviam próximos do litoral até a chegada dos primeiros colonizadores por volta de 1826.

A SECTUR (2006) destaca que há relatos referentes à colonização desde 1758, com algumas famílias morando na margem esquerda do rio, mas somente em 1826 o colono Baltazar Pinto Corrêa recebeu do Governo da Província de Santa Catarina uma área de terra para cultivo e moradia, na localidade que hoje se chama Bairro dos Pioneiros.

Anos depois vieram os alemães, atraídos pelo clima e solo fértil, formando na região uma pequena aldeia, o Arraial do Bom Sucesso. Em 1849, o lugar passou a ser designado distrito e paralelamente se iniciou, na localidade do atual bairro da Barra, a construção da Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso, um dos pontos turísticos da cidade.

Em 1884 o lugarejo foi desmembrado da vizinha Itajaí, originando o município de Camboriú, onde a economia era baseada na cafeicultura e na exploração de jazidas de mármore, granito e calcário.

Na época, segundo a SECTUR (2006), a faixa litorânea era desprezada. Mas a partir de 1926, famílias teuto-brasileiras, provenientes principalmente do Vale do Itajaí, passaram a freqüentar a praia e a construir casas

de veraneio. O primeiro hotel foi construído em 1928 e seis anos depois a cidade ganhou o segundo empreendimento hoteleiro.

Em 20 de julho de 1964, Balneário Camboriú se tornou município. Com a emancipação política definida, a cidade ganhou novo impulso econômico e novas perspectivas sócio-culturais. Atualmente, é conhecida como um dos mais importantes centros de lazer e turismo do Brasil.

3.3 ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO TURÍSTICA

Balneário Camboriú é privilegiada por belezas naturais que encantam os visitantes. As praias constituem os principais atrativos. É no entorno delas que se desenvolvem atividades de entretenimento e lazer proporcionadas por uma complexa rede de bares, restaurantes, casas noturnas e centros de compras.

Com 6,5 quilômetros de extensão, a Praia Central é o centro das atenções, porque nesta orla estão concentrados a rede hoteleira, restaurantes e bares, casas de shows e um comércio diversificado.



Figura 03: Praia Central de Balneário Camboriú
Fonte: <www.brazil4you.com/cidades/?CodCid=107>



Figura 04: Praia Central de Balneário Camboriú
Fonte: <www.camboriu.sc.gov.br/imprensa>

Na direção Sul, a seis quilômetros do Centro, fica a Praia de Laranjeiras com 750 metros de extensão, águas tranqüilas e transparentes, próprias para esportes náuticos. Conta com serviços de bares e restaurantes, trapiche para atracação de embarcações e sítio arqueológico.



Figura 05: Praia de Laranjeira
Fonte: <www.camboriu.sc.gov.br/imprensa>

Taquarinhas, localizada a oito quilômetros do Centro, tem 730 metros de extensão, praia de areia grossa e águas límpidas, favoráveis para pesca de arremesso. Ao lado, distante 500 metros, está Taquaras, com 1,2 quilômetro de extensão, onde um pequeno núcleo urbanizado abriga uma colônia de pescadores.

A Praia do Pinho, distante nove quilômetros do Centro, tem 500 metros de extensão. Foi a primeira praia de naturismo oficial no Brasil.



Figura 06: Praia do Pinho

Fonte: <<http://turisnat.com.sapo.pt/BRASILNATURISTA.html>>

Em seguida vem Estaleiro, com 1.450 metros de extensão, e Estaleirinho com 800 metros.



Figura 07: Praia de Estaleiro

Fonte: <www.world66.com/.../estaleiro_beach>

Indo para o Norte, o turista encontra a Praia do Canto, a três quilômetros do Centro, com 100 metros de extensão. Poucos metros mais distantes estão a Praia do Buraco e a Praia dos Amores, esta já na divida com o município de Itajaí.

Parques ecológicos, museus, zoológico e áreas adequadas para passeios e aventuras fazem parte do cenário de Balneário Camboriú e integram o conjunto de equipamentos turísticos da cidade.

Inaugurado em agosto de 1999, o complexo de turismo Unipraias possui 85 mil metros quadrados. Com transporte feito por 47 bondinhos, o empreendimento permite ao visitante conhecer três dos mais belos pontos naturais de Balneário Camboriú: Barra Sul, Morro da Aguada e Praia de Laranjeiras.



Figura 08: Complexo Turístico Unipraias
Fonte: <<http://guiadepraias.terra.com.br>>

Na estação Barra Sul, ponto de partida dos bondinhos há um centro de lazer e compras de oito mil metros quadrados, com praça de alimentação, lanchonetes, local para eventos e lojas. Na segunda estação, a Mata Atlântica, há um parque ambiental com 60 mil metros quadrados no alto do Morro da Aguada, que oferece belas trilhas e passeios ecológicos. O Parque de Aventuras possui dois circuitos de arvorismo acrobático com 120 metros de percurso e atividades em trilhas suspensas.



Figura 09: Parque de Aventuras Unipraias
Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>

No caminho, os turistas podem fazer paradas nos mirantes Camboriú, Oceano e Laranjeiras, no anfiteatro que abriga exposições de artistas catarinenses e no oratório natural, onde está localizada a estátua de Santo Antônio da Aguada. O destino final é a Praia de Laranjeiras.

Já no Parque Ecológico Rio Camboriú, localizado no bairro dos Municípios, o que encanta os visitantes é a riqueza da biodiversidade. As principais atrações são as trilhas ecológicas da Figueira, do Caranguejo, da Gamboa e do Graxaim.

Outra alternativa de Balneário Camboriú é o Parque Cyro Gevaerd, com zoológico que reproduz com fidelidade aspectos da Mata Atlântica e abriga tucanos, jaguatiricas, jacarés, pássaros e onças. Há também o aquário marinho, tartarugário, horto formado por rico acervo da flora catarinense e museus

oceanográficos de aves, mamíferos e répteis. Casas típicas nos estilos alemão, italiano e açoriano mostram um pouco da cultura dos colonizadores catarinenses.

Há muito para se ver e admirar nos museus do Parque Cyro Gevaerd. O Museu Arqueológico possui mais de cinco mil peças, incluindo fósseis com milhares de anos, provenientes do sítio arqueológico de Laranjeiras. Já o Museu do Pescador dispõe de acervo de 90 peças, dentre elas, canoa, redes, balaios e outros artigos de pesca artesanal.

O Museu do Artesanato Catarinense tem 716 peças, com destaque para cerâmicas, vimes, tecidos, couro e esculturas em madeiras. Ainda há uma réplica de um engenho de farinha com 22 peças. No Museu de Fauna Marinha podem ser observados exemplares de peixes coletados na costa catarinense, conchas, crustáceos, equinodermos, algas, aves e mamíferos.

Também integra o roteiro de passeios o Complexo Turístico Carlos Rosa, um parque no alto do Morro da Cruz com cabanas individuais, churrasqueira, campo de futebol, piscinas para adultos e crianças, tobogã, parquinho, salão de festas e bares. Neste local, o Cristo Luz, uma estátua com 33 metros de altura, segura um disco irradiando a cidade com dezenas de feixes luminosos que se movimentam num ângulo de 180 graus. Do monumento Cristo Luz é possível ter uma vista panorâmica de todo o Centro da cidade. Há ainda lanchonetes, restaurantes, lojas de *souvenirs* e um mirante.



Figura 10: Complexo Turístico Carlos Rosa
Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>



Figura 11: Complexo Turístico Carlos Rosa

Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>

Os interessados em conhecer um pouco da arte e da história do município têm como opção o Centro Cultural. No lugar ficam a biblioteca municipal e o arquivo histórico com acervo de fotografias e jornais antigos.

As igrejas de Balneário Camboriú também são apontadas como atrativos turísticos. Uma das mais visitadas é a pequena igrejinha do Bairro da Barra, tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal. Foi construída pelos escravos em 1849 com óleo de baleia e argamassa.

No mesmo bairro está a Capela Santo Amaro, construída em 1810 e tombada como patrimônio histórico cultural pelo governo do Estado. Possui peças barrocas doadas pela família real no século XIX.

No Centro da cidade se localizam a Matriz Santa Inês, com traços arquitetônicos que lembram o chapéu de palha de um pescador, e a Capelinha Nossa Senhora de Aparecida, junto ao prédio da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú.



Figura 12: Igreja Matriz Santa Inês
Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>

A prática de esportes é outro ponto forte de Balneário Camboriú. Em toda a extensão da Praia Central existem áreas específicas para a prática de aeróbica, futebol, futevôlei, vôlei, frescobol e bocha. Atividades náuticas, como surfe e jet-ski, também são freqüentes na orla marítima, assim como as corridas e caminhadas.

Pelo céu, pode-se optar pelos vôos de asa delta e parapente, com saída no Morro do Careca. Quem não tem experiência nem equipamento, pode optar por um vôo duplo em companhia de instrutores especializados. No Morro do Careca também são praticados esportes radicais como escalada e rapel.



Figura 13: Salto de Parapente no Morro do Careca
Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>

A cidade dispõe de quadras de paddle e tênis, áreas para prática do arvorismo, espaços para jogos de salão, pista de kart e de skate, além de academias que oferecem grande variedade de equipamentos e diversas modalidades esportivas como artes marciais, aeróbica, musculação e escalada.

3.4 POPULAÇÃO FLUTUANTE

Após 41 anos de emancipação político – administrativa, Balneário Camboriú é considerada o maior pólo turístico do Sul do Brasil, recebendo turistas de todas as regiões do país e do exterior. Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro – período de alta temporada –, a cidade recebe 1,5 milhão de pessoas, quase 15 vezes a população fixa de pouco mais de 94 mil habitantes.

Os visitantes chegam a Balneário Camboriú principalmente pelo modal de transporte rodoviário. As entradas de ônibus na cidade servem como indicadores da movimentação de pessoas. Relatório do Setor de Planejamento e Pesquisa da Sector (2006) registra esta dinâmica no período de 1997 a 2005, resumida no Quadro 02.

Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Nº ônibus	7.466	7.537	8.116	8.056	8.440	6.061	6.324	6.048	5.454

Quadro 02: Número de ônibus que entraram no município entre 1997 e 2005
Fonte: SECTUR (2006)

Pode-se ainda considerar os estudantes universitários que residem no período de atividades escolares no município de Balneário Camboriú. Aqui está se levando em consideração somente os dados da Universidade do Vale do Itajaí, relativo aos Campi de Balneário Camboriú e Itajaí.

Este universo estudantil tem uma grande influência populacional para Balneário Camboriú pela sua representatividade neste universo, chegando a somar o equivalente a 10% (dez por cento) da população. O quadro a seguir vem demonstrar esta realidade. Vejamos o quadro:

Ano	2003-1	2003-2	2004-1	2004-2	2005-1	2005-2	2006-1	2006-2
Nº de alunos	5.210	5.753	7.214	7.656	8.321	8.609	9.109	9.344

Quadro 03: Número de alunos universitários residentes. 2004-2006
Fonte: PADEF (2006)

Importante que se observe que estes números são absolutos, ou seja, muitos dos alunos são moradores permanentes do município de Balneário Camboriú. Não foi possível identificar, deste total, quantos são moradores somente no período escolar.

3.5 CONCENTRAÇÃO DE PÚBLICO

Balneário Camboriú é uma cidade “que não dorme”. Há movimento e diversão 24 horas por dia. A orla central concentra o maior número de turistas durante a temporada de verão, porque é nesta região que se localiza um conjunto de atrações que proporciona entretenimento para todos os gostos e idades. São centenas de bares com música ao vivo, restaurantes de todos os gêneros, casas de shows, boates, cervejaria e lojas diversificadas.

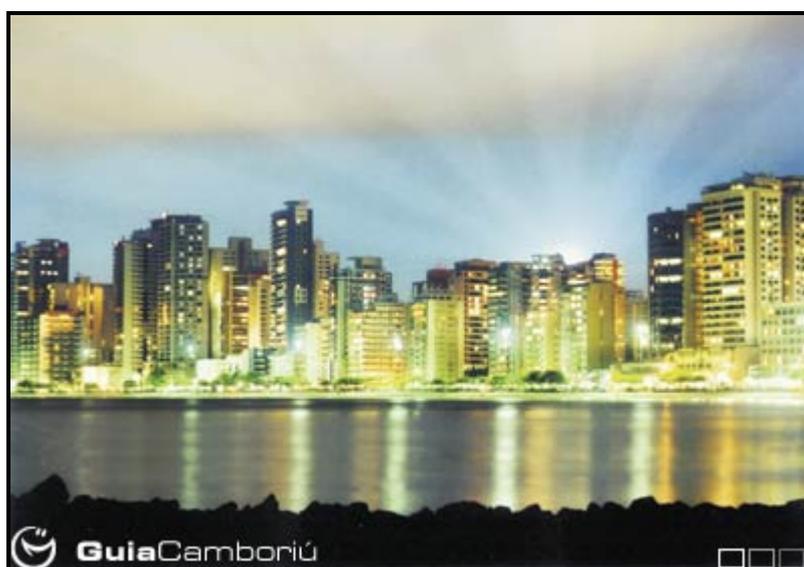


Figura 14: Praia Central de Balneário Camboriú
Fonte: <<http://www.guiacamboriu.com.br/>>

Os pontos mais disputados por jovens e adultos são os bares, restaurantes, cafés coloniais e sorveterias, principalmente ao longo dos 6,5 quilômetros da Praia Central. Os pratos elaborados com frutos-do-mar são o carro-chefe da gastronomia local, mas em Balneário Camboriú tem sabor para todos os paladares: pizzarias e casas especializadas em comida italiana, chinesa e japonesa, petiscarias e restaurantes dedicados a outros diversos tipos de culinária, desde a mineira até a egípcia, passando pela *fast food* com os tradicionais lanches.

A maior parte das alternativas de hospedagem tem endereço na área central da cidade. De acordo com a Sectur (2006), o município possui 100 hotéis e 14 pousadas que reúnem 20 mil leitos, além de 15 mil imóveis para aluguel de temporada, disponibilizados por imobiliárias. E se estes locais não estão localizados na orla da Praia Central, ao menos ficam a pouca distância do mar.

O comércio está igualmente concentrado na região central. Lojas de pequeno, médio e grande porte disputam espaço nas proximidades do Centro – por onde circulam os potenciais compradores – com agências bancárias e de câmbio, bingos, boates, casas de espetáculos, quiosques, farmácias e supermercados.

Sobre a ocupação do principal atrativo turístico do balneário, Domenico et al (2004) mencionam que, no verão, a densidade turística na Praia Central é de 2,9 metros quadrados por turista, bem inferior ao recomendado internacionalmente que é de 10 metros quadrados por usuário da faixa de areia. Isto significa uma grande concentração de veranistas na área mais urbana da orla marítima, onde há maior número de opções gastronômicas e uma série de serviços de atendimento ao público.

4 CONFLITOS E VIOLÊNCIAS: ANÁLISE DE DISCURSOS E REGISTROS

Para o presente estudo foram realizadas entrevistas com policiais lotados na Delegacia de Polícia de Balneário Camboriú, funcionários da Secretaria de Segurança Pública e um estagiário do curso de Direito da Univali, que trabalha no setor de atendimento de Boletins de Ocorrências. Com estes informantes iniciou-se a entrevista com agendamento prévio. Para tanto, foi realizado um primeiro contato telefônico, identificando a disponibilidade de tempo e o interesse em participar da pesquisa. Este procedimento foi adotado para todas as entrevistas, de acordo com a metodologia utilizada. Destacou-se também que todos os entrevistados envolvidos nesta pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A). Após as entrevistas, foi disponibilizado ao pesquisador, tabelas com dados estatísticos das ocorrências policiais de Balneário Camboriú, dos anos de 2004, 2005 e 2006, este último ano até o mês de Julho, tabelas estas que apresentamos nos anexos C, D e E. No quadro abaixo apresentamos o perfil destes entrevistados e suas funções relacionadas a Secretaria de Segurança Pública de Balneário Camboriú:

NOME	ATIVIDADES REFERENTES À DELEGACIA
E1 49 anos Sexo masculino Casado	Assume o cargo de delegado. Exerce o cargo há 08 anos.
E2 28 Anos Sexo feminino Solteira	Assume o cargo de escrivã... Exerce o cargo há 02 anos.
E3 53 anos Sexo masculino Solteiro	Assume o cargo de técnico criminalista... Exerce o cargo há 23 anos.
E4 24 anos Sexo masculino Casado	Assume o cargo de estagiário, atendente de BO. Exerce o cargo há 01anos e 06 meses. Estudante do 4º período do curso de Direito.
E5 57 anos Sexo Masculino Casado	Assume o cargo de delegado de polícia titular... Exerce o cargo há 34 anos.

Quadro 04: Síntese perfil dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa

Neste tópico tentar-se-á trazer uma reflexão acerca das percepções dos entrevistados quanto as questionamentos da pesquisa e adequar à teorias já existentes sobre o assunto. Para melhor entendimento e identificação do entrevistado na apresentação dos quadros, criou-se a seguinte legenda:

E1: Entrevistado 01
E2: Entrevistado 02
E3: Entrevistado 03
E4: Entrevistado 04
E5: Entrevistado 05

No que se refere à fala dos entrevistados quanto ao termo “violência”, apresenta-se:

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
<p>E.1. A violência é uma atitude, uma conduta que constrange, é intimatória, é violência real e doméstica. A violência está ligada a armas de fogo. A violência leva ao homicídio, a morte, com diversos enquadramentos no código penal.</p> <p>E.2. A violência é uma agressão contra o patrimônio, contra o físico da pessoa ou o seu patrimônio intelectual. A violência está caracterizada pelo furto, roubo, pequenos furtos, furtos em supermercados. A violência é realizada na maioria por marginalzinho e moleque de rua.</p> <p>E.3. Toda ação contra o cidadão é violência. Para a polícia a violência está relacionada à questão física grave.</p> <p>E.4. A violência está aumentando de acordo com o aumento da população. As pessoas são abordadas no sinal por pessoas que utilizam drogas.</p>	<p>E.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atitude... - Conduta que constrange... - Intimatória... - Real e doméstica... - Ligada á armas de fogo... - Leva ao homicídio... - Com diversos enquadramentos no código penal... <p>E.2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agressão contra o patrimônio, o físico da pessoa ou seu patrimônio intelectual... - Furto, roubos... - Marginalzinho e moleque de rua... <p>E.3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ação contra o cidadão... - Questão física grave... <p>E.4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aumentado de acordo com o aumento da população... - Por pessoas que utilizam drogas...

<p>E.5. A violência é uma realidade sociocultural, é inerente ao ser humano. Antes ela era focada sob o aspecto político, relacionada à consciência das pessoas. Novos ingredientes tais como substâncias entorpecentes proibidas, foram aparecendo e a violência passou a ser mais urbana. O consumo descontrolado de drogas atingiu todas as classes sociais, as famílias e a própria convivência urbana. Aliados a esse elementos temos o estado que não investe em segurança pública, se mostrando incompetente, transformando a polícia em uma vítima do governo. A herança de uma cultura latina, arbitrária, não se adequou aos tempos modernos. Essa fase ruim já passou, estamos inaugurando uma nova fase, aonde existe um novo olhar sob a segurança pública, aonde seu papel esta definido em proteger o cidadão, não ameaçá-lo.</p>	<p>E.5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realidade sócio-cultural... - Inerente ao ser humano... - Focada sob o aspecto político... - Passou a ser mais urbana... - Valores físicos e morais... - Cultura latina, arbitrária, não se adaptou aos tempos modernos... - Olhar sobre segurança pública... - Proteger o cidadão...
---	--

Quadro 05: Percepções dos entrevistados sobre violência

Fonte: Dados da pesquisa

O que se pode sintetizar destas falas é o seguinte:

DSC ENTREVISTADOS – VIOLÊNCIA
<p>DSC 1 – A violência é uma agressão contra o patrimônio físico da pessoa ou seu patrimônio intelectual, trata-se de uma conduta que constrange, intimatória, real e doméstica. É uma ação contra o cidadão que aumenta de acordo com o aumento da população. É uma realidade sócio-cultural inerente ao ser humano.</p> <p>DSC 2 – A violência está ligada à armas de fogo, furtos, roubos por pessoas que utilizam drogas, marginalzinhos e moleques de rua. Leva ao homicídio com diversos enquadramentos no código penal e também envolve a questão física grave. O novo olhar sobre segurança pública é de proteger o cidadão.</p>

Quadro 06: DSC entrevistado sobre violência

Fonte: Dados da pesquisa

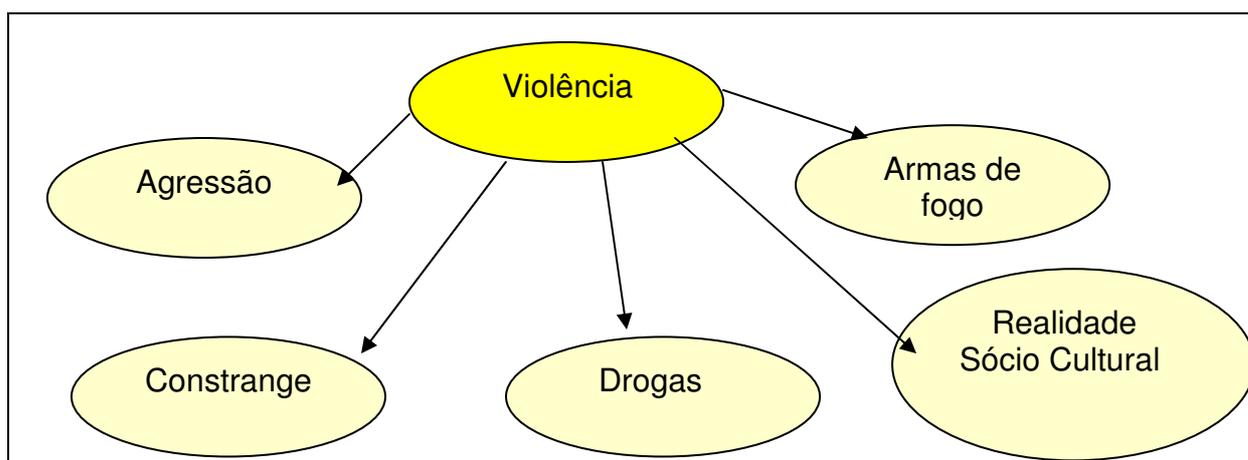


Figura 15: Fluxograma sobre violência

Segundo a análise destes discursos, a violência passa a ser uma atitude, resultante de um pensar, sentir e agir de acordo com uma realidade.

Essa atitude violenta que define o homem “pós-moderno” – identificado por Lipovetsky (1983) como alguém “sem conteúdo” – não mais acredita em valores como família e solidariedade, não mais confia nas ações coletivas. Num mundo onde a competição por tudo (emprego, moradia, status) é diária e ganhar é a regra do jogo, o outro pode ser um inimigo em potencial.

Numa sociedade em que mesmo o corpo, o equilíbrio pessoal, o tempo livre são solicitados pela pleora dos modelos, o indivíduo é obrigado permanentemente a escolher, a tomar iniciativas, a informar-se, a criticar a qualidade dos produtos, a auscultar-se e a testar-se, a manter-se jovem, a deliberar acerca dos atos mais simples: que carro comprar, que filme ir ver, para onde ir de férias, que livro ler, que regime, que terapia seguir? (LIPOVETSKY, 1983, p. 99).

O medo, enfatiza Adorno (2002), é a outra face da violência que envolve a subjetividade, o imaginário, a precaução, o retraimento e a defesa com diferentes instrumentos e dispositivos. A generalização de imagens da cidade como um ambiente violento e os sentimentos de medo e insegurança dela decorrentes passaram a fazer parte do cotidiano dos seus moradores.

O medo pode matar. A ansiedade, que é a versão civilizada do medo, também mata. O alerta é dado por Ballone (2005b), para quem os atos de violência podem ser comparados à uma espécie de “câncer da alma”. Ele alerta que as vítimas diretas ou indiretas (familiares, e testemunhas, por exemplo) da violência

correm um risco de desenvolverem algum transtorno emocional em torno de 60%, enquanto a porcentagem da população geral tem este mesmo risco reduzido a 20%. O autor afirma que é importante destacar, neste contexto, a violência política, do Estado e da própria cultura. “Fazer um aposentado viver com um salário mínimo é igualmente uma forma de violência estatal”

Analisando a questão pelo viés bio-psico-social, Ballone (2005b) não atribui à violência um caráter exclusivamente biológico, nem psicológico ou social, mas sim, uma combinação de todos com peculiaridades próprias de cada era, cultura ou circunstância. Ele explica que há uma complementação dinâmica entre o biológico, o psicológico e o social, de sorte, que toda atividade humana acaba repercutindo nas relações sociais, culturais e emocionais, afetando tanto a constituição biológica, quanto a consciência humana.

Sobre a percepção dos entrevistados quanto ao aumento da violência em Balneário Camboriú, temos o seguinte:

IDÉIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES CHAVES
<p>E1. 2.1. É uma cidade atípica, diferente em função do Turismo. A pessoa tem uma segunda morada em Balneário Camboriú, não se suicida na sua terra, mas se joga de um apartamento aqui. Os homicídios são menores do que os homicídios atualmente.</p>	<p>E. 1 2.1 Atípica Turismo Suicídio Segunda moradia Homicídios são menores</p>
<p>2.2. Balneário Camboriú esta no padrão normal. A violência é o crime de estelionato, furto, punção, em função da aglomeração nas praias, Avenida Atlântica e Avenida Brasil. A violência é cultural, esta enraizada pela miscigenação, flutuação populacional e migração das pessoas.</p>	<p>2.2 Normal Estelionato Furto, punção Aglomeração Cultural Miscigenação Flutuação populacional Migração de pessoas</p>
<p>2.3. Balneário Camboriú/Cultura (questão acrescentada ao roteiro da entrevista) – O turismo aumenta a população e a insegurança. O combate à violência será através de barreiras e pela informática, no sentido de localizar a origem dos viajantes que chegam a Balneário Camboriú. Pelo Cartório Eleitoral é mais fácil localizar as origens dos visitantes.</p>	<p>2.3 Turismo Insegurança Barreiras Informática Localizar origem dos visitantes Cartório Eleitoral</p>

<p>E. 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em relação a pequenas cidades, Balneário Camboriú é mais violenta. A incidência de crimes hediondos esta aumentando. 	<p>E.2</p> <p>Pequenas cidades Mais violenta Crimes hediondos Aumentando</p>
<p>E. 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - É uma cidade um pouco violenta pelo grande número de pessoas que passam por aqui. É menos violenta que Florianópolis, porque aqui os policiais tem mais domínio da segurança pública. 	<p>E. 3</p> <p>Violenta Índice de pessoas que passam por aqui Domínio Segurança pública</p>
<p>E. 4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tem muito giro de dinheiro e pessoas de outras cidades vêm para cá para roubar. 	<p>E. 4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Giro de dinheiro - Pessoas de outras cidades - Roubar
<p>E. 5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Balneário Camboriú não representa a realidade do Estado, porque tem uma grande miscigenação racial formada por pessoas de outros estados e do exterior. Isso favorece uma grande incidência criminal, porque o território é pequeno e é muito grande a aglomeração urbana, conseqüentemente, as pessoas não se conhecem, causando problemas de segurança. Como tem pessoas de várias localidades sem se conhecerem, tem pessoas com um bom contato social aqui, mas que cometeram crimes em outras cidades. Tem uma grande flutuação de população, uma durante o dia, outra durante a noite. Uma população durante a semana e outra nos finais de semana, e a polícia tem que estar preparada para isso. Não é uma cidade violenta, apesar do número grande de ocorrências. Não tem o maior número de crimes, mas tem o maior número de turistas do Estado. Os crimes aqui praticados são contra o patrimônio e tem também um efetivo de policiais muito pequeno para a proteção do patrimônio das pessoas que aqui vivem. 	<p>E. 5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Miscigenação racial - Pessoas de outros estados e do exterior - Incidência criminal - Aglomeração urbana - Segurança - Bom contato social - Crimes em outras cidades - Grande flutuação de população - Crimes contra o patrimônio - Efetivo de policiais muito pequeno

Através destas falas, pode-se chegar a seguinte síntese:

DSC INFORMANTES – Balneário Camboriú x Violência
<p>DSC 1 – Balneário Camboriú é uma cidade atípica e esta diferença se faz em função do Turismo. Esta em um padrão considerado normal. A violência é cultural e esta enraizada pela miscigenação, flutuação populacional e pela migração das pessoas.</p>
<p>DSC 2 – O turismo em Balneário Camboriú faz com que aumente a população e com isso a insegurança. Em relação a pequenas cidades, Balneário Camboriú é mais violenta, mas não representa a realidade do Estado, porque o território é pequeno e é muito grande a aglomeração urbana. Tem uma grande flutuação de população, uma durante o dia, outra durante a noite. Uma população durante a semana e outra nos finais de semana. Não é uma cidade violenta, apesar do número grande de ocorrências.</p>

Quadro 07: DSC sobre Balneário Camboriú x Violência

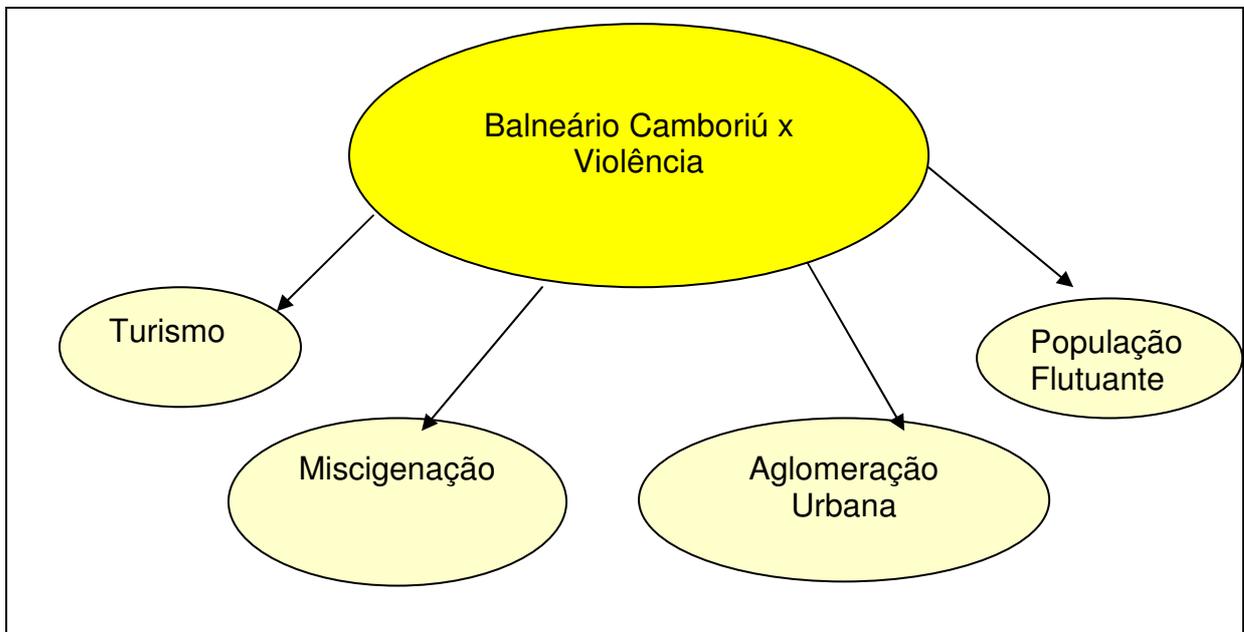


Figura 16: Idéias sínteses do DSC sobre Balneário Camboriú x Violência

Ao tratar a questão de distribuição populacional nas cidades, Cardia e Schiffer (2002, p. 25) apontam a estabilidade da população em seu bairro como um fator que está associado a uma maior coesão social e disposição dos moradores, para agirem em prol do bem comum e até para intervir, de forma a evitar atos de violência e/ou situações de risco que afetem grupos vulneráveis: crianças, jovens, mulheres e idosos. Mas a coesão social pode também ser afetada pela exposição à violência, “pois esta afetaria a confiança interpessoal o que agravaria situações de carência coletivas, dificultando o diálogo entre as pessoas e até a

possibilidade de ações coletivas junto ao poder público para se preencher as carências”.

As autoras sugerem que a desigualdade no acesso a direitos alimenta a violência e que as comunidades mais afetadas pela violência têm em comum uma superposição de carências. Afirmam que os poucos elementos de proteção contra os efeitos da violência advêm da própria coletividade que, “a despeito das condições muito adversas, em que a incivilidade e o desrespeito mútuo prosperam, resistem e mantêm no dia-a-dia relações mais próximas e de mais cooperação com seus vizinhos do que moradores de outras regiões da cidade” (CARDIA; SCHIFFER, 2002, p. 31).

Cabe salientar que, neste contexto, a segurança pública é um fator importante e condicionante da imagem da cidade como destino turístico. Amedrontado pela mídia, que costuma abrir grandes espaços para notícias sobre violência nos centros urbanos, o turista hoje escolhe localidades para visitar analisando critérios como tranquilidade, oportunidades de descanso, lazer e entretenimento com segurança. Num mundo regido pela insegurança, pelo medo da violência, qualquer sinal de instabilidade pode resultar na rejeição a um determinado destino.

Sobre a percepção se a violência aumentou ou se faz mais registros nas ocorrências policiais, eles responderam o seguinte:

IDÉIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES CHAVES
<p>E. 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - A violência não aumentou, os dados são suspeitos, o governo às vezes manipula os índices. Boletim de ocorrência não informa aumento de violência. Violência é igual a crime, isto esta dentro do padrão. 	<p>E. 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dados suspeitos - Manipula os índices - Crime - Dentro do padrão
<p>E. 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - A violência aumentou bastante em Balneário Camboriú, isso também é visto pelo cidadão comum. Andar a pé de madrugada na cidade provoca medo de roubo e de estupro. 	<p>E. 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Violência aumentou bastante - Cidadã comum - Andar a pé de madrugada - Medo de roubo, estupro.
<p>E. 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - A violência aumentou proporcionalmente ao aumento do número de pessoas que passaram a residir aqui. 	<p>E. 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proporcionalmente - Número de pessoas - Residir aqui

<p>E. 4</p> <ul style="list-style-type: none"> - A violência aumentou muito nos últimos anos, assim como aumentou o número de pessoas que vem para cá fazer assaltos. A temporada de verão aumenta o retorno de dinheiro e a população não se cuida muito, não presta atenção. Tem um grande número de boletins de ocorrências também de acidentes, mas a maioria é de furtos e assaltos. 	<p>E. 4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Retorno de dinheiro - População não se cuida - Não presta atenção - Acidentes - Furto e assalto
<p>E. 5</p> <ul style="list-style-type: none"> - A violência faz parte da história da sociedade, mas hoje é aumentada pelo aparecimento de dois novos ingredientes: o consumo exagerado de drogas que leva as pessoas a matarem por muito pouco e a consciência das pessoas que faz com que se procure mais os órgão competentes para denunciar a existência da violência. Esta consciência faz com que as pessoas procurem mais ajuda, se exige mais providências, com isso surgem mais serviços especializados como a delegacia da Mulher, da criança e do adolescente. Aumentou a consciência das pessoas, a mulher tem seu lugar na segurança pública, o serviço ficou mais humanizado, por isso aumentou o número de registros. 	<p>E. 5</p> <ul style="list-style-type: none"> - História da cidade - Consumo exagerado de drogas - Matarem por muito pouco - Denunciar - Mais ajuda - Mais providências - Mais serviços especializados - Aumentou a consciência - Serviço humanizado - Aumentou o número de registros - Ser humano mais violento - Valores sociais - Meios de comunicação - Órgão de segurança pública - Se liga mais - Vítima - Serviço de proteção à mulher, criança e adolescente - Boletim de ocorrência on line - Primeira mulher na polícia - Presença indispensável - Humanizou - Universitários

Das falas acima, pode-se ressaltar o seguinte discurso comum dos entrevistados:

DSC INFORMANTES – Aumento da Violência x Registros
<p>DSC 1 – Os dados são suspeitos porque são manipulados. Os Boletins de Ocorrências não informam o aumento de violência.</p> <p>DSC 2 – A violência aumentou bastante em Balneário Camboriú, as pessoas têm medo de roubo, e de estupro. Aumentou também o número de pessoas que vem para cá. A temporada de verão aumenta o retorno de dinheiro e a população não tem o cuidado necessário, não presta atenção. Tem um grande número de boletins de ocorrência e a maioria é de furtos e assaltos.</p> <p>DSC 3 – Dois novos ingredientes fazem aumentar os registros de violência hoje em Balneário Camboriú: o consumo exagerado de drogas e as pessoas que procuram mais os órgão competentes para denunciar a existência da violência. Aumentou a consciência das pessoas, a mulher tem seu lugar na segurança pública, o serviço ficou mais humanizado, por isso aumentou o número de registros.</p>

Quadro 08: Discursos dos Informantes sobre Aumento da Violência x Registros

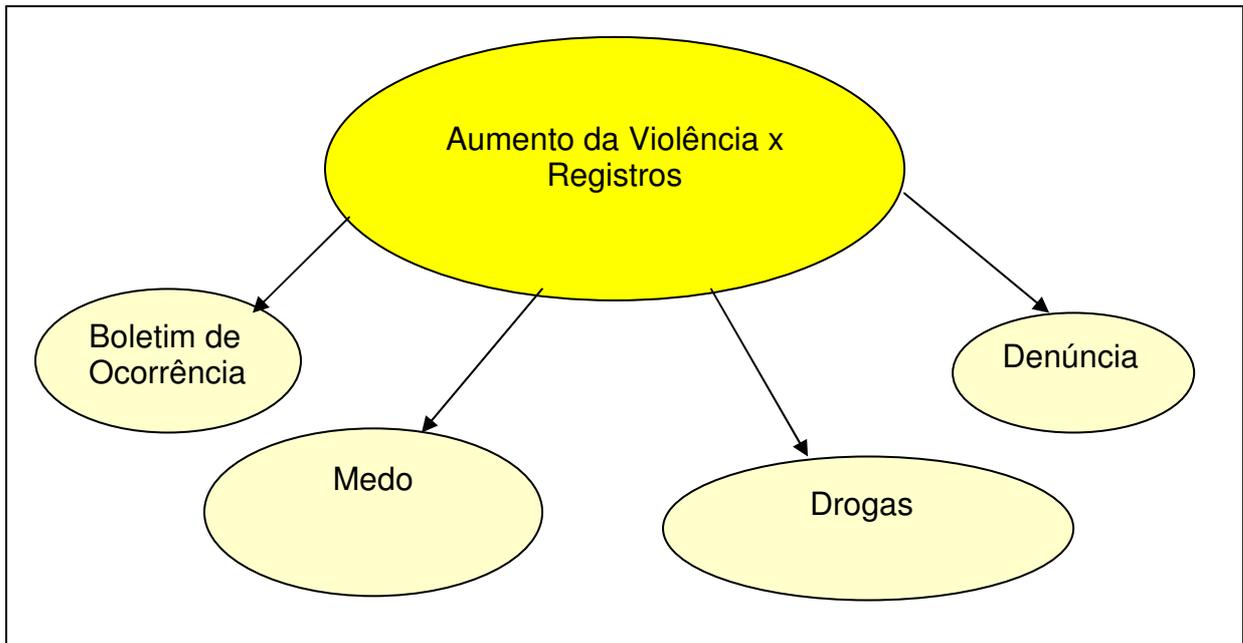


Figura 17: Idéias sínteses do DSC sobre Aumento da Violência x registros

Como podemos observar nos anexos C, D e E, realmente existe um aumento expressivo no aumento de registros de ocorrência nos últimos três anos. Estes dados fornecidos pela Polícia Civil de Balneário Camboriú nos mostram que as ocorrências que mais aparecem nos registros são os furtos e roubos em geral e um grande número de acidentes automobilísticos, justamente

pelo aumento do número de pessoas que vem para a cidade. Registros esses que vem corroborar com o discurso dos entrevistados. Segundo o discurso dos policiais entrevistados, o aumento da violência e dos registros das ocorrências é regido pelo medo, em uma sociedade contemporânea que potencializa, principalmente entre os jovens, uma sensação de impotência. Sem perspectivas de emprego, não há também perspectivas de satisfazer os desejos cada vez mais intensos de ter.

Surge então o sentimento de inferioridade social, a frustração que pode ser compensada com o assalto, o roubo, as drogas. A maconha, a cocaína e o êxtase, são anestésicos contra a tensão, o medo e o sentimento de impotência. São drogas que entorpecem, amenizam a sensação de desconforto, de um mal-estar que não é mais individual nem somente biológico, mas, como diria Freud (1997), “um mal-estar da civilização”. Este mal estar pode ser o gerador de tantas ocorrências policiais nos últimos anos, como nos mostra a tabela a seguir, comparando os números dos anos de 2002 à 2006.

Tabela 01: Grade Estatística de Ocorrências Policiais Referentes os anos de 2002 à 2006

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
2002	1.169	1.189	926	995	887	643	801	826	885	1.014	1.017	1.193	11.545
2003	1.745	1.150	1.093	879	1.026	1.114	1.087	1.023	1.211	1.160	1.322	1.531	14.341
2004	1.975	1.497	1.398	1.281	1.135	885	946	1.155	1.240	1.208	1.262	1.565	15.547
2005	2.467	1.655	1.302	1.332	1.219	1.116	1.347	1.170	1.262	1.429	1.485	1.608	17.392
2006	2.567	1.949	1.933	1.664	1.570	1.320	1.359	0000	0000	0000	0000	0000	12.362

Fonte: Secretaria de Segurança Pública de Balneário Camboriú

Como se observa na tabela anterior existe um aumento no número de ocorrências policiais no período em que o Turismo e conseqüentemente o aumento populacional de Balneário Camboriú se dá com maior intensidade, mas a relação entre aumento populacional e ocorrência policial não são na mesma proporção, ou seja, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, onde o aumento populacional se dá numa proporção de até cinco vezes, o número de ocorrências policiais aumenta em menos de duas vezes.

O próximo quadro apresenta uma visão de como os entrevistados vêem a relação da violência com o turismo:

IDÉIAS CENTRAIS	EXPRESSÕES CHAVES
<p>E. 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os atos mais violentos são patrimoniais, furtos. Os marginais vêm de outras cidades. O furto ocorre também nas festas. O crime de roubo ocorre no final do verão com o “caixa cheio”. 	<p>E. 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrimoniais - Furtos - Marginais de outras cidades - Festas - Final de verão - Caixa cheio
<p>E. 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - A bandidagem desce para o Estado de Santa Catarina e litoral, com isso aumentando a violência. Balneário Camboriú é muito visado pelo alto poder aquisitivo e os turistas não se cuidam, por isso o grande número de assaltos. A maioria dos furtos e assaltos ocorre na orla marítima por pessoas que roubam para comprar drogas. 	<p>E. 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bandidagem - Visitado - Alto poder aquisitivo - Turistas não se cuidam - Assaltos - Orla marítima - Comprar drogas
<p>E. 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Balneário Camboriú é uma cidade visada e conhecida no Brasil inteiro e recebe pessoas de todo o país, com isso aumentando a violência. O policial, como ser humano também fica chocado com a violência, com medo, e porque não dizer, violentado. 	<p>E. 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cidade visada - Aumento da violência - Policial - Chocado - Violência - Medo - Violentado
<p>E. 5</p> <p>4.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na década de 90 a Oktoberfest era uma festa para aliviar o trauma das pessoas que tinham perdido tudo nas enchentes, era para ser um evento familiar e se transformou em um evento turístico, aglomerando milhares de pessoas e causando problemas de segurança. A cidade percebendo isso mudou o perfil da festa e trouxe para Blumenau também um novo perfil de turismo, o turismo de eventos. Balneário Camboriú também foi invadida por um quantitativo de turistas muito grande nas décadas de 70 a 90, com isso veio a criminalidade e a insegurança. A sabedoria popular tem que ser respeitada, por isso já se percebe uma mudança na relação turismo de final de ano e turismo o ano todo. 	<p>E. 5</p> <p>4.1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Década de 90. - Oktoberfest. - Aliviar o trauma - Evento familiar - Evento turístico - Aglomerando milhares de pessoas - Problemas de segurança - Turismo de eventos - Balneário Camboriú - Quantitativo número de turistas - Década de 70 a 90 - Criminalidade - Insegurança - Sabedoria popular - Respeitada - Mudança na relação - Turismo de final de ano - Turismo de ano todo

<p>4.2 VIOLÊNCIA NA TEORIA X VIOLÊNCIA NA PRÁTICA (Questão acrescentada ao roteiro da entrevista).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sobre segurança pouco já se escreveu, e o que foi escrito não passa de contos policiais e histórias bem contadas, não retratam a realidade. As primeiras histórias estão sendo escritas agora, com uma nova visão de segurança pública, mudando os antigos conceitos, mostrando que segurança é uma situação de Estado, de respeito ao cidadão. 	<p>4.2 VIOLÊNCIA NA TEORIA X VIOLÊNCIA NA PRÁTICA (Questão acrescentada ao roteiro da entrevista).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contos policiais - Histórias bem contadas - Não retratam a realidade - Primeiras histórias - Escritas agora - Segurança Pública - Antigos conceitos - Situação de Estado - Respeito ao cidadão
--	---

Sobre a percepção dos Entrevistados sobre o Turismo e a Violência, temos a seguinte análise dos discursos:

DSC INFORMANTES – ATOS VIOLENTOS X TURISMO
<p>DSC 1 – Os atos mais violentos são patrimoniais, furtos. Os turistas vêm para o Estado de Santa Catarina e litoral, com isso aumentando a violência. A maioria dos furtos e assaltos ocorrem na orla marítima por pessoas que roubam para comprar drogas. Balneário Camboriú é uma cidade visada e conhecida no Brasil inteiro e recebe pessoas de todo o país, e junto vem o aumento da violência. O policial, como ser humano também fica chocado com a violência, com medo, e porque não dizer, violentado.</p>
<p>DSC 2 – Balneário Camboriú também foi invadida por um quantitativo de turistas muito grande nas décadas de 70 a 90, com isso veio à criminalidade e a insegurança. A sabedoria popular tem que ser respeitada, por isso já se percebe uma mudança na relação turismo de final de ano e turismo o ano todo.</p>

Quadro 09: Discursos dos Informantes sobre Atos Violentos x Turismo

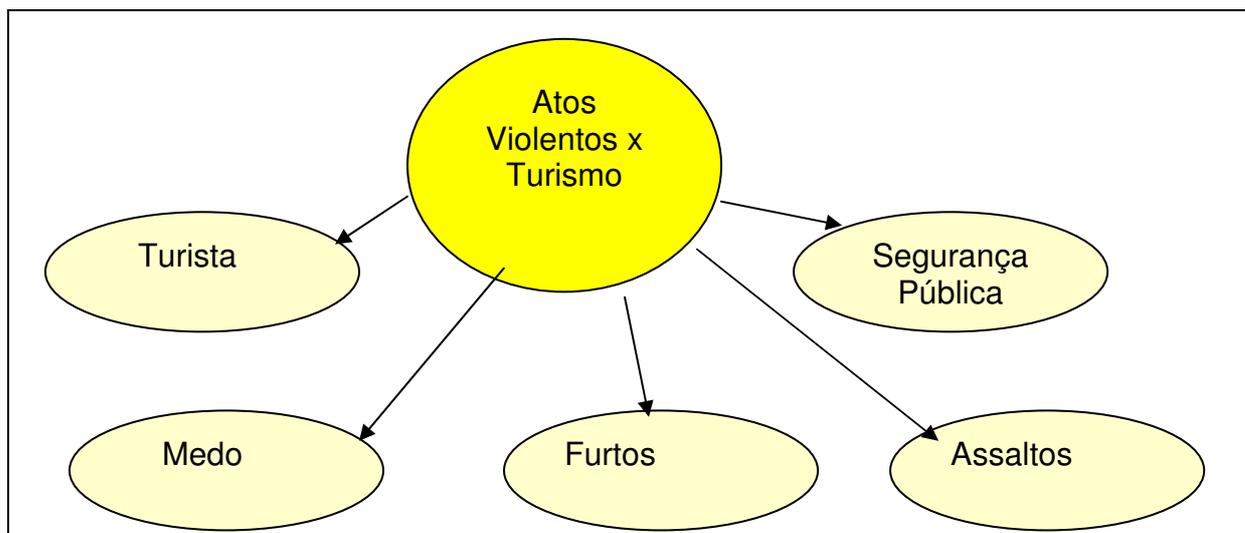


Figura 18: Idéias sínteses do DSC sobre Atos Violentos x Turismo

Através desta análise do discurso sobre Atos Violentos e a sua relação com o Turismo, percebe-se a existência do medo como habitante do imaginário das pessoas. O medo, enfatiza Adorno (2002), é a outra face da violência que envolve a subjetividade, o imaginário, a precaução, o retraimento e a defesa com diferentes instrumentos e dispositivos. A generalização de imagens da cidade como um ambiente violento e os sentimentos de medo e insegurança dela decorrentes passaram a fazer parte do cotidiano dos seus moradores.

O Código Mundial de Ética do Turismo, elaborado pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 1999) preconiza que “a compreensão e a promoção dos valores éticos comuns à humanidade, num espírito de tolerância e de respeito pela diversidade das crenças religiosas, filosóficas e morais, são ao mesmo tempo fundamento e consequência de um turismo responsável”. Recomenda que os agentes do desenvolvimento e os próprios turistas devem ter em conta as tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as das minorias e populações autóctones, reconhecendo a sua riqueza.

A questão da segurança é enfatizada no Código, que atribui às autoridades públicas a missão de assegurar a proteção dos turistas e dos seus bens, disponibilizando meios específicos de informação, prevenção, proteção, seguro e assistência que correspondam às necessidades dos visitantes.

Os atentados, agressões, raptos ou ameaças visando os turistas ou os trabalhadores da indústria turística, bem como as destruições voluntárias de instalações turísticas ou de elementos do patrimônio cultural ou natural, devem ser severamente condenadas e reprimidas, em conformidade com as respectivas legislações nacionais (OMT, 1999).

Segundo a OMT, os turistas e visitantes, por sua vez, devem evitar, quando de seus deslocamentos, praticar atos criminosos ou considerados delituosos pelas leis do país visitado, bem como, comportamentos considerados chocantes ou que firam as populações locais, ou ainda suscetíveis de atentar contra o meio ambiente local. Também devem buscar conhecer os riscos relativos à saúde e segurança inerentes a todo deslocamento para fora do seu meio habitual e ter um comportamento de modo a minimizar estes riscos.

Conhecedor ou não desta ética, “o turista só quer ser feliz”, comenta Shinyashiki (2005), para quem o setor turístico no Brasil corre o sério risco de perder a oportunidade de se firmar como objeto de desejo de turistas nacionais e internacionais por conta de uma série de fatores aliados à segurança e associados diretamente às formas como o visitante é atendido desde sua chegada às destinações turísticas.

Há que se considerar que a liberdade de movimento do turista ocorre em um tempo e um espaço que podem representar riscos à sua segurança e ao seu bem-estar. A escolha por um destino envolve desde a hospitalidade até a proteção contra a violência. Mas é imprescindível que os moradores locais vivam com qualidade de vida suficiente, segurança e bem-estar para que não se sintam impelidos a ameaçar a segurança dos visitantes.

Sobre esta questão, Bauman (1999, p. 54) se refere a uma predisposição contrária à hospitalidade, atualmente verificada em cidades norte-americanas, comentando que se tornaram comuns “a suspeita em relação aos outros, a intolerância face à diferença, o ressentimento com estranhos e a exigência de isolá-los e bani-los, assim como a preocupação histórica, paranóica com a lei e a ordem”.

O autor concebe a intolerância como uma das faces da conformidade que é alimentada pela uniformidade.

Numa localidade homogênea é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro – talvez bizarro e diferente, mas primeiro e sobretudo não familiar, não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível (BAUMAN, 1999, p. 55) .

O aumento considerável da violência nos últimos anos chama atenção para o despreparo do Estado para lidar com tais situações. Percebe-se atualmente uma preocupação em preparar a polícia para lidar com esta mudança, olhando o policial como um sujeito também exposto aos perigos deste descontrole do fluxo de pessoas que nos leva a questionar o tipo de turismo aqui praticado. Segundo o relato de um dos Informantes, uma nova visão sobre a segurança pública e da própria polícia esta sendo construída.

No início dos anos 90, as corporações policiais, cujas práticas históricas foram enrijecidas pelo período ditatorial, começaram um processo de rompimento do modelo histórico do sistema policial, em decorrência das transformações em andamento na sociedade brasileira, em especial o crescimento das práticas democráticas e o fortalecimento da cidadania. O descompasso entre as mudanças sociais e políticas e a prática policial produz uma crise nas polícias brasileiras, que não é uma crise de dentro da corporação para fora, mas sim o inverso, da relação sociedade-Estado, em consequência da falta de sintonia entre o avanço social e a prática policial, ampliada pela ausência de um processo dinâmico e otimizado que faça funcionar um sistema de segurança pública para a realidade brasileira. (BENGOCHEA, 2004).

Reaparece neste discurso a questão sobre o aumento populacional e como consequência, da violência. Parece configurar que a existência de um número maior de atos violentos se deve ao grande fluxo de pessoas, e não pelo Turismo. Este sim, pode ser considerado como uma, e não a única, das explicações para a existência da violência, aqui relatada como furtos, assaltos, praticados por pessoas que usam destes artifícios para comprar drogas.

Frente ao exposto pode-se determinar o seguinte quadro:

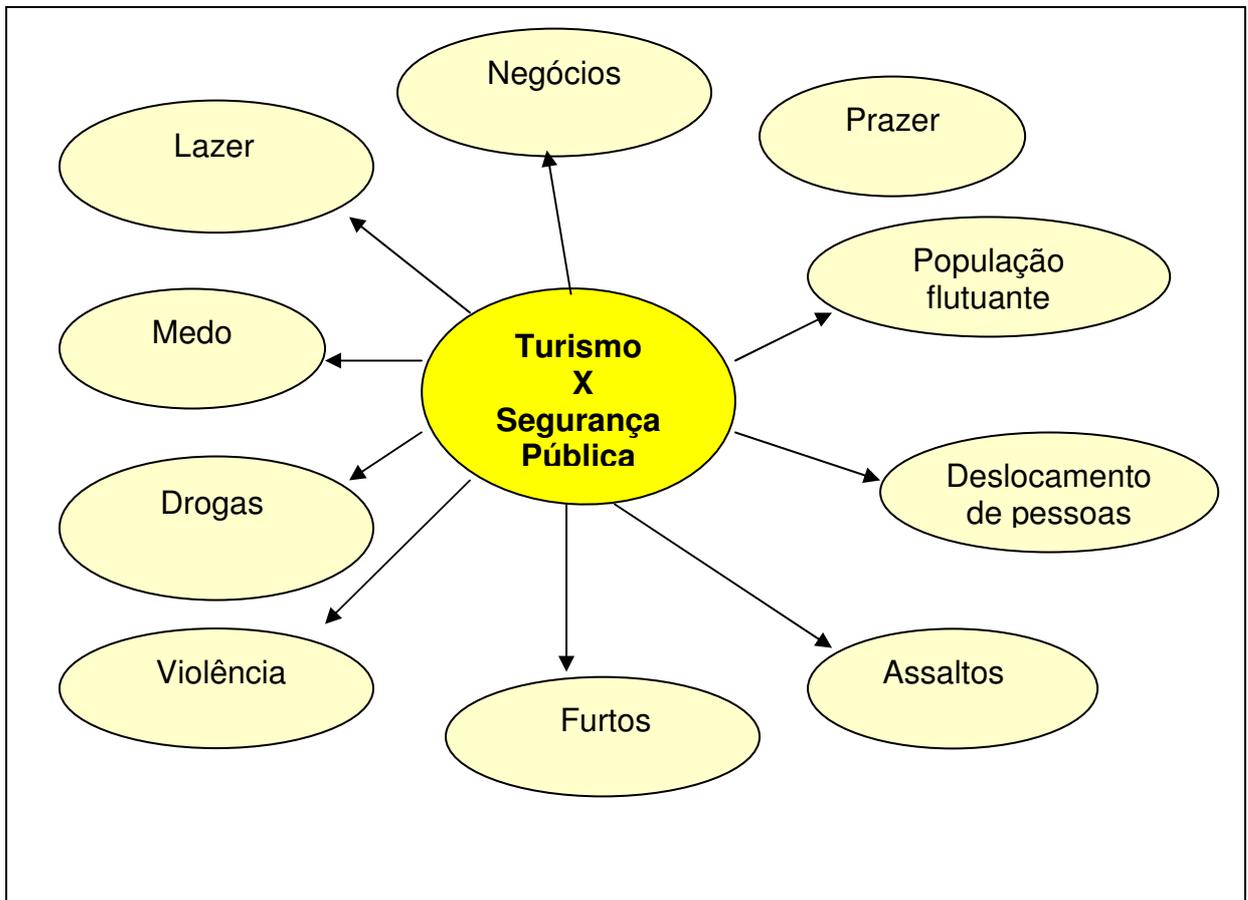


Figura 19 : Idéias sínteses do DSC sobre Turismo e Segurança Pública

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que a intolerância com relação a atos violentos e a banalização crescem na mesma proporção que o medo que eles provocam, torna a violência uma das principais questões sociais urbanas. E não é somente nas metrópoles que ela progride. Em cidades de médio e pequeno porte a sensibilidade aos atentados à integridade humana constitui um elemento tão forte na realidade que vai redefinindo as práticas cotidianas das pessoas e dos grupos.

A fragilidade das estruturas urbanas no que se refere à segurança pode resultar no declínio do turismo, desta forma comprometendo a manutenção das atividades que sustentam a economia da cidade. Há que se reconhecer que, além de agentes de uma série de reflexos sociais negativos, os impactos da violência sobre o movimento de turistas são ameaças à estabilidade da economia local, traduzidas em prejuízos econômicos e na inviabilidade da principal fonte geradora de emprego e renda do município.

A investigação que resultou neste estudo, sobre o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão no município de Balneário Camboriú (SC), buscou caracterizar o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local, para verificar os tipos de conflitos e violências registrados com maior frequência pela polícia local.

A pergunta de pesquisa que originou este estudo foi na verdade um questionamento à falta de informações sobre a segurança em Balneário Camboriú, bem como, uma necessidade em descobrir quais os conflitos e violências mais comuns ocorridos no município de Balneário Camboriú (SC) durante a temporada de verão 2006.

Conforme os dados levantados, pode-se dizer que os principais conflitos de violência em Balneário Camboriú estão relacionados a danos

ao patrimônio, como: pequenos furtos, roubos, pungas e assaltos, muitas vezes aliados ao tráfego de drogas.

Na temporada de verão, ocorrem várias perturbações relacionadas a festas e veículos com amplitude sonora elevada, que também contribuem para o aumento expressivo dos registros de ocorrência de acidentes automobilísticos.

Com efeito, o objetivo principal do trabalho de conhecer o estágio atual dos registros e discursos sobre os conflitos e violências mais comuns na temporada turística de verão do município de Balneário Camboriú (SC), é atingido, tanto pelos dados quantitativos obtidos junto a Secretaria de Segurança Pública, quanto pela análise do discurso dos profissionais que atuam na área.

Por outro lado, em relação aos objetivos específicos, pode-se dizer que também foram atendidos, uma vez que foi caracterizado o ambiente sócio-espacial do município e dos espaços de maior circulação de turistas e da população local; também se verificou os tipos de conflitos e violências registrados com maior frequência pela polícia local e por fim se analisou o discurso dos dados fornecido pela polícia.

Esta análise resultou nas seguintes reflexões levantadas pelos informantes:

- A violência é uma atitude resultante de um pensar e um sentir, que gera uma agressão contra o patrimônio e as pessoas, promovida pelo uso de drogas e pela falta de educação, além disso, a violência é uma realidade sociocultural, resultante de um stress cotidiano e de um Estado que não investe em segurança pública.

- Entende-se também que Balneário Camboriú é uma cidade atípica, e esta atipicidade se dá em função do Turismo. A violência é cultural, está enraizada pela miscigenação, flutuação populacional e migração das pessoas.

- Com o turismo, Balneário Camboriú passa a ter uma população acima dos seus níveis normais, de fora da temporada, faz com que aumente a população e com isso a insegurança. Em relação a pequenas cidades, Balneário Camboriú é mais violenta, mas não representa a realidade do Estado, porque o território é pequeno e é muito grande a aglomeração urbana.

- Tem-se uma grande flutuação de população, uma durante o dia, outra durante a noite. Uma população durante a semana e outra nos finais de semana. Não é uma cidade violenta, apesar do número grande de ocorrências, segundo a opinião de alguns profissionais da Segurança Pública.

Ainda, conforme a análise dos discursos, afirma-se que a violência aumentou bastante em Balneário Camboriú, mas não em função do Turismo, as pessoas têm medo de roubo e de estupro. Aumentou também o número de pessoas que vem para a cidade, existe um grande número de boletins de ocorrência e a maioria é de furtos e assaltos.

Por outro lado, dois novos ingredientes fazem aumentar os registros de violência hoje em Balneário Camboriú: o consumo exagerado de drogas e as pessoas que procuram mais os órgão competentes para denunciar a existência da violência. Aumentou a consciência das pessoas, a mulher tem seu lugar na segurança pública, o serviço ficou mais humanizado, e com isso, as pessoas sentiram-se também mais seguras em denunciar e como consequência, aumentou o número de registros. Conforme relato dos informantes pode-se observar que os atos mais violentos são patrimoniais e furtos. Os turistas vêm para o Estado de Santa Catarina e litoral, aumentando assim o número de ocorrências policiais, devido, consequentemente, ao aumento populacional. A maioria dos furtos e assaltos ocorre na orla marítima por pessoas que roubam para comprar drogas.

Percebe-se que o que se tem como senso comum sobre a idéia de violência na cidade de Balneário Camboriú, não é o mesmo contido nos discursos e dados da polícia local. A violência aparece atrelada a uma série de fatores externos ao turismo como: aumento populacional, questões ligadas à educação, políticas de segurança pública e desinformação. Assim, o turismo é um

elemento dentro de um conjunto de fatores que facilitam a criminalidade, e conseqüentemente, o aumento da violência.

Com isso, parece configurar que a existência de um número maior de atos violentos se deve ao grande fluxo de pessoas que para Balneário Camboriú se dirigem. Assim, com o aumento de pessoas (novos moradores, ou turistas) a tendência é que aumente a ocorrência de atos criminosos, como conseqüência normal da convivência e do fluxo de pessoas e não pela atividade turística.

Como limitações da pesquisa pode-se elencar:

- Documentais – O pesquisador não teve acesso aos BOs na sua íntegra, somente aos relatórios mensais com dados parciais e totais. Conforme discursos, alguns dados são manipulados.

- Informantes – alguns informantes se recusaram a participar da pesquisa com receio de repassar alguns dados.

- A vivência profissional do pesquisador – por não ser da área do turismo, possui um outro modelo e referencial de pesquisa.

- Tempo – apesar do tempo do pesquisador ser bastante flexível, os entrevistados nem sempre estavam disponíveis para responder as questões da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABAV – Associação Brasileira de Agências de Viagens. Dados do Banco Central apontam 2005 como o melhor ano do turismo internacional no Brasil. Disponível em: <http://www.abav.com.br/view_noticias.asp?anomes=&id=474> Acesso em: 12 fev. 2006.

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administración del turismo**. México: Editorial Trillas, 1995.

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.

AGUIAR; Maria de Fátima; MARTINS, José Clerton de Oliveira; CARDOSO, Gleudson Passos. Reflexões sobre a hospitalidade no contexto turístico. **Turismo Visão e Ação**, v. 5, n. 3, set./dez. 2003.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARRILLAGA, J. I. de. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

ASCANIO, A. Turismo: la ciencia social de las viajes. *Estudyos y perspectivas en turismo*. **Ciet**, Buenos Aires, v. 1, n. 3, p. 185-197, jul. 1992.

BALLONE, G. J. Sintomas psíquicos do estresse. **PsiquWeb**. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress2a.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005b.

BALLONE, G. J. Violência e saúde. **PsiquWeb**, p. 4. Disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/temas/violen_inde.html>. Acesso em: 15 set. 2005a.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 2. ed. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1997.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, out. 2003.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papyrus, 2000.

BARROS, Paula. Desenhando cidades na era dos vãos econômicos. **Arquitextos – periódico mensal de textos de arquitetura**, Texto especial 224, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp224.asp>> Acesso em: 20 set. 2005.

BAUMANN, R. O Brasil nos anos 1990: uma economia em transição. In: BAUMANN, R. (Org.). **Brasil: uma década em transição**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 54-55.

BELA SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/camboriu>>. Acesso em: 23 out. 2005.

BENGOCHEA, Jorge Luiz Paz et al. A transição de uma polícia de controle para uma polícia cidadã. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>> Acesso em: 19 nov. 2006.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1997.

BID – Banco Interamericano de Desarrollo. **Análisis de la magnitud y costos de la violencia em la Ciudad de México**. [S.l.]: Fundación Mexicana para la Salud, 1998.

BIDERMAN, Iara. Cultura do medo, gerada pela violência, determina vida do cidadão. **Folha Online Uol**, 04 mar. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3272.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2005.

BRASILVIAGEM.COM. Balneário Camboriú. Disponível em: <<http://www.brasilviagem.com/cidades/?CodCid=107>>. Acesso em: 23 out. 2005.

BUARQUE, Cristovam. **O colapso da modernidade brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CAMERON, D.; FRAZER, E.; HARVEY, P.; RAMPTON, B.; RICHARDSON, K. **Researching language: issues of power and method**. London: Routledge, 1992.

CAMPÊLO, Álvaro. **O autêntico e o banal: como descrever a experiência turística?** Disponível em: <<http://ceaa.ufp.pt/turismo2.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2005.

CARDIA, Nancy. Exposição à violência: seus efeitos sobre valores e crenças em relação a violência, polícia e direitos humanos. **Lusotopie**, p. 299-328, 2003.

CARDIA, Nancy; SCHIFFER, Sueli. Violência e desigualdade social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n.1, p. 25-31, jun./set. 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 25-37.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; CARVALHO, Alexandre de. **Homicídios, estrutura socioeconômica e disposição espacial de crimes no Brasil**. Brasília: Ipea, 2004.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; CARVALHO, Alexandre de. **O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2005. (Texto para discussão n.º 1144).

CINTRA, G. Dados explícitos e implícitos em pesquisa documental. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2., 2000. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRALIN, 2000. p.221-225. 1 CD-ROM.

CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. Lisboa: Mcgraw-Hill, 1997.

DOMENICO, Flávia Caldeira de; SOUZA, Carlos Eduardo de; RECH, Jânio Vicente. Simulação das Sombras dos edifícios da orla, na areia da praia central, em relação ao engordamento proposto, na cidade de Balneário Camboriú – SC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CADASTRO TÉCNICO MULTIFINALITÁRIO – COBRAC 2004. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2004.

FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco. Facepe e MPPE desenvolvem pesquisa sobre a criminalidade no Recife. Disponível em: <agil.facepe.br/page/modules.php?name=News&file=article&sid=476>. Acesso em: 19 nov. 2005.

FEATHERSTONE, Mike. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: _____. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC, 2000. p. 93.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FUSTER, Luiz Fernandes. **Teoria y técnica del turismo**. Madrid: Nacional, 1974.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os índios do descobrimento: tradição e turismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

GUIA DE SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://www.guiasantacatarina.com.br/balneariocamboriu>>. Acesso em: 15 dez. 2005.

GUIMARÃES, Sérgio Fonseca. **Turismo solidário**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/presencadoleitor/artigo10.htm>>. Acesso em: 19 set. 2005.

HAULOT, Arthur. **Turismo social**. México: Trillas, 1991.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 4, p. 93-102, out./dez. 2004.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil. (Texto para discussão). Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2005.

IRVING, Marta de Azevedo. Turismo, ética e educação ambiental: novos paradigmas em planejamento. In: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002. p. 17-34.

JAFARI, J. La cientifización del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires, v.3, n. 1, p. 7-37, 1994.

JOÃO PAULO II. Mensagem por ocasião do XXII Dia Mundial do Turismo. Vaticano, 9 jun. 2001. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20010619_giornata-mondiale-turismo_po.html>. Acesso em: 20 set. 2005.

KAHN, Tulio. Os custos da violência: quanto se gasta ou deixa de ganhar por causa do crime no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 4, p. 42-48, out./dez. 1999.

KOTLER, **Marketing para o século XXI**: como criar, conquistar e dominar mercados. São Paulo: Atlas, 1999.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003. (Coleção Diálogos).

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Edições Gallimard, 1983.

MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

MIDDLETON, Edward. **Simposi International de Tourisme**. Barcelona: Esade, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1992.

MOLINA, Sergio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código mundial de ética do turismo**. Santiago do Chile: OMT, 1999.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org>>. Acesso em: 12 fev. 2006.

PALOMO, Manuel Figuerola. **Teoria econômica del turismo**. Madri: Alianza Editorial, 1985.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Ranking do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH Municipal. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelos%20dados%20de%202000\).xls](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).xls)>. Acesso em: 25 nov. 2005.

POCHMANN, Márcio. **Atlas da exclusão social no Brasil: dinâmica e manifestação territorial**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.camboriu.sc.gov.br>>. Acesso em: 23 out. 2005.

REBOLLO, Vera. **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.

REDE BRASILEIRA DE TURISMO SOLIDÁRIO E COMUNITÁRIO. p. 1. Disponível em: <<http://redebonja.cbj.g12.br/ielusc/rbtsc/conceituacao.htm>>. Acesso em: 16 set. 2005.

RODRIGUES, Rute Imanishi. **O lugar dos pobres e a violência na cidade: um estudo para o município de São Paulo**. Disponível em: <www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A154.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2005.

SAUL, Renato P. Comentários sobre violência, cultura, economia e política na sociedade contemporânea. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violências no tempo da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 118-122.

SECTUR – SECRETARIA DE TURISMO DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Disponível em: <<http://www.secturbc.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. 2006.

SILVA, G. A. **Uso turístico da praia central de Balneário Camboriú: projeções técnico-científicas**, Balneário Camboriú. 2002. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2002.

SOUZA, E. R. de; MINAYO, M. C. S. O impacto da violência social na saúde pública do Brasil: década de 80. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80**. 2. ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 1999. p. 113.

STRECK, Lenio. Violência, criminalidade, segurança pública e a modernidade tardia do Brasil. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violências no tempo da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 456-474.

TUDOSC TURISMO. Disponível em: <<http://www.tudosc.com.br/balneario.htm>>. Acesso em: 23 out. 2005.

TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne. Turismo urbano: a política e o processo de mudança. In: _____. **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Futura, 2001. p. 309.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

VIEIRA, João Martins. O novo turismo. **Revista de Economia**, p. 136-140, out./dez. 2004.

WIEVIORKA, Michel. **Violence en France**. Paris: Editora du Seuil, 1999.

ZALUAR, Alba. A globalização do crime e os limites da explicação local. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violências no tempo da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 91-100.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Nome Sr(a): _____

Idade: _____ Sexo: _____ Naturalidade: _____

Domiciliado em: _____

De profissão: _____ RG: _____

Pesquisa: “Quais as mudanças estruturais que ocorrem na temporada de verão em Balneário Camboriú que se configuram em conflitos e violências?”

O(a) Sr(a) foi plenamente esclarecido de que ao responder as questões que compõem esta pesquisa estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo mapear e analisar os conflitos e violências ocorridos na temporada de verão com turistas e/ou moradores que se configuram em registros policiais na temporada de verão na cidade de Balneário Camboriú – SC.

Embora o(a) Sr(a) venha a aceitar a participação nesta pesquisa, está garantido que o(a) Sr(a) poderá desistir a qualquer momento, inclusive sem nenhum motivo, bastando para isso, informar sua decisão de desistência, da maneira mais conveniente. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o(a) Sr(a) não terá direito a nenhuma remuneração. A participação na pesquisa não incorrerá em riscos ou prejuízos de qualquer natureza.

Os dados referentes ao Sr(a) serão sigilosos e privados, sendo que o(a) Sr(a) poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma.

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através de entrevistas individuais, garantindo-se privacidade e a confidência das informações e será realizada pelo acadêmico Laércio Antônio Braggio, sob a supervisão da Prof^a.Dra. Yolanda Flores e Silva.

Balneário Camboriú (SC), ____ de _____ de 2006.

Assinatura (de acordo)

Participante do estudo

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas para pesquisa de Dissertação
(As perguntas serão adaptadas conforme necessidade durante a entrevista)

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Cargo:

Tempo de função:

Tempo de função em Balneário Camboriú:

Formação acadêmica:

Pergunta 01: Para você, o que é violência?

Pergunta 02: Você considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Pergunta 04: Você acha que a temporada de verão, o turismo de massa, faz com que aumente a violência em Balneário Camboriú?

ANEXO A – Grade estatística de ocorrências policiais por delito referente o ano de 2004

**GRADE ESTATÍSTICA DE OCORRÊNCIAS POLICIAIS POR DELITO
REFERENTE O ANO DE 2004**

OCORRENCIAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Acidentes de Transito	120	85	92	72	86	60	71	88	88	83	89	91	1.025
Estelionato	53	29	31	32	28	31	27	41	30	29	37	57	425
Furto de Veículo	50	34	31	39	32	33	32	24	36	37	31	31	410
Furto de Bicicleta	24	42	32	50	47	27	20	30	25	23	20	24	364
Furto de celular	45	42	29	33	19	20	25	26	27	22	28	32	348
Furto de Documento	87	64	18	22	12	17	15	13	11	14	22	45	340
Furtos Diversos	239	173	123	120	85	106	74	91	105	105	104	130	1.455
Furto em Comércio	22	28	19	14	35	31	30	25	25	27	23	15	294
Furto em residência	75	56	52	33	45	31	35	40	43	63	47	52	572
Furto em Veículo	95	59	47	56	45	28	44	55	58	63	62	90	702
Homicídio Doloso	00	01	01	01	02	00	00	04	00	00	00	00	09
Lesão Corporal	41	43	26	23	16	15	12	24	24	30	34	31	319
Ocor. Gerais	439	312	333	255	215	230	192	243	306	264	287	385	3.461
Perda de Doc./Objetos	597	440	494	467	425	195	309	394	404	392	423	505	5.045
Porte/Uso de tóxicos	41	37	20	29	12	11	17	18	17	12	10	16	240
Roubo de Veículo	04	00	02	00	04	02	02	02	00	05	03	08	32
Recuperação de Veículo	05	03	08	01	03	06	07	03	07	02	03	11	59
Roubos diversos	30	37	27	29	15	36	25	18	22	26	23	34	322
Roubo a Transeunte	08	09	13	05	09	05	08	14	12	11	14	07	115
Suicídio	00	03	00	00	00	01	01	02	00	00	02	01	10
TOTAL	1.975	1.497	1.398	1.281	1.135	885	946	1.155	1.240	1.208	1.262	1.565	15.547

ANEXO B – Grade estatística de ocorrências policiais por delito referente o ano de 2005

**GRADE ESTATÍSTICA DE OCORRÊNCIAS POLICIAIS POR DELITO
REFERENTE O ANO DE 2005**

OCORRENCIAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Acidentes de Transito	195	80	87	76	79	128	68	55	76	91	97	119	1.151
Estelionato	44	30	23	39	24	31	55	45	29	32	51	39	442
Furto de Veículo	42	35	51	33	54	21	36	24	37	40	40	19	432
Furto de Bicicleta	28	28	23	29	24	23	37	36	15	26	22	21	312
Furto de celular	75	43	28	37	26	23	28	24	19	30	26	44	403
Furto de Documento	58	30	21	09	10	07	14	10	09	11	18	40	237
Furtos Diversos	246	167	122	141	92	86	85	80	95	89	95	94	1.392
Furto em Comércio	41	26	27	00	21	21	30	26	49	28	37	32	338
Furto em residência	142	66	57	42	57	39	49	47	45	43	55	57	699
Furto em Veículo	136	65	57	45	44	61	61	42	55	88	53	70	777
Homicídio Doloso	03	01	00	00	00	03	02	00	01	00	04	03	17
Lesão Corporal	48	48	43	04	27	19	18	22	20	38	30	57	374
Ocor. Gerais	600	438	349	417	321	243	378	346	349	430	452	506	4.829
Perda de Doc./Objetos	676	521	345	380	386	362	427	365	403	418	430	434	5.147
Porte/Uso de tóxicos	51	25	15	08	16	05	06	10	15	18	20	28	217
Roubo de Veículo	03	06	01	00	00	02	02	04	01	05	09	06	39
Recuperação de Veículo	11	01	05	03	06	08	13	03	06	06	03	07	72
Roubos diversos	35	28	35	50	19	23	28	23	33	22	35	24	355
Roubo a Transeunte	33	14	13	18	13	11	10	06	05	14	08	08	153
Suicídio	00	03	00	01	00	00	00	02	00	00	00	00	06
TOTAL	2.467	1.655	1.302	1.332	1.219	1.116	1.347	1.170	1.262	1.429	1.485	1.608	17.392

ANEXO D – Transcrição das Entrevistas realizadas

Entrevista n° 1

Idade: 49 anos

Sexo: Masc.

Cargo: Delegado de Polícia

Tempo de função: Oito anos.

Tempo de função em Balneário Camboriú: 04 (quatro) anos.

Formação acadêmica: Pedagogia, Estudos Sociais, Bacharel em Direito, Psicologia.

Pergunta 01: Para o Senhor, o que é violência?

Resposta: Entendo que violência é toda a atitude, toda a conduta que constrange alguém. Por exemplo, a violência doméstica dentro da sociedade. Pode ser tanto intimatória ou violência real, por exemplo, o disparo de armas de fogo, tentativa de homicídio, morte, sempre considero violência, que nós, mais adiante tipificaremos isso como crime. Temos diversos enquadramentos, como você quiser enquadrá-la, as diversas tipificações que nós temos, exposto no código penal.

Pergunta 02: O Senhor considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Primeira Resposta: Bem, sobre a questão mais ou menos, nós temos que levar em consideração num grupo populacional. Balneário Camboriú é uma cidade um pouco atípica, diferente, devido a situação de turismo. Então, na aglomeração de pessoas que aqui se reúnem, evidente que aumenta também o índice de crime. A cidade típica, por exemplo, Foz do Iguaçu, quando o crime ocorre a mais lá, devido a situação típica, em Balneário Camboriú é idêntico, então poderia citar um exemplo que nós também computamos com nossos números, por exemplo, o suicídio. Alguém que não mora aqui, tem uma segunda moradia aqui em Balneário Camboriú, um apartamento, e lá numa outra cidade tradicional, qualquer lugar de Santa Catarina ou fora dela, mora em uma casa, aqui ele mora em apartamento e devido uma situação de depressão ele vem se suicidar aqui, vem se jogar do apartamento dele pra baixo, daí ele vem a falecer. Quer dizer, na cidade dele não tinha condições de fazer isso, aqui em Balneário Camboriú ele a encontrou. É um fato interessante, há alguns anos atrás nós trabalhamos também com estatísticas, nós tivemos 9 ou 10 homicídios, tivemos este número superado por suicídio anualmente, quer dizer, era 10 ou 11 suicídios. O suicídio ganhou por um ponto em relação ao homicídio. A segurança pública não tem um trabalho para garantia em relação ao suicídio, quer dizer, não se preocupa com isso, e é outro foco que poderia ser observado nesse lado da violência.

Segunda resposta a pedido do entrevistado: Não, eu vejo Balneário Camboriú dentro do padrão normal, a única coisa que aumenta é o número populacional e via de conseqüência ocorre certos tipos de crimes mais elevados. Por exemplo, o crime de estelionato, o crime de furto, punga, aonde há uma aglomeração de gente, aonde as pessoas furtam o material ali. Por exemplo, numa festa, na praia, furto de bolsas na praia, nas outras cidades isso não ocorre, aqui em Balneário Camboriú ocorre. Furto em comércio, aonde se aglomera muitas pessoas, nas

principais vias, Avenida Atlântica, Avenida Brasil, e aí devido essa chance ao criminoso ele acaba praticando maior número de crime dessa tipificação. Não mais eu acho que a violência poderia estar enraizada em certas culturas e aqui em Balneário Camboriú nós temos a miscigenação de culturas, então aqui nós não podemos identificar bem com facilidade isso aí, dizendo tradicionalmente esse tipo de população que nós temos devido a essa flutuação, essa migração de pessoas.

Então o senhor considera que a cultura da cidade de Balneário Camboriú de alguma forma proporciona alguns tipos de violências que outras cidades não proporcionam?

Só por causa do turismo. Só por causa de dezembro, janeiro e fevereiro, quando aumenta o nosso número populacional. Aí é que aumenta essa situação de segurança pública. Mas em contrapartida, nós somos regidos pelo poder público do Estado, o Estado tenta, se não consegue, ele tenta se organizar de tal forma pra fazer o combate frente a essa criminalidade. Por exemplo, a polícia militar utiliza daquelas barreiras fixa nos túneis nas entradas e saídas da cidade, essa é uma forma de combater e manter o controle e futuramente, devido a tecnologia, informática, nós vamos ter diversos tipos de controle social, por exemplo, os hotéis, todas as hospedagem, imobiliárias, nós poderemos ter o controle de migração de população. Por exemplo, o cumprimento de mandato de prisão, nós conseguimos acompanhar a pessoa por essas vias citadas. Por exemplo, agora estamos chegando em pleito eleitoral, o cartório eleitoral, nós podemos usar esses bancos de dados para saber onde é que o elemento foragido está migrando, onde é que ele pode estar votando. Porque no dia da eleição nós somos vetados a fazer as prisões, mas logo no dia seguinte nós estamos liberados para fazer.

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Resposta: Bem, se a violência aumentou nos últimos anos, nós teríamos que ter dados comprobatórios disso. Eu sempre suspeito quando nós argüimos isso, e pelo contrário, os gestores, os governantes gostam de empurrar esse índice para baixo, não diminui, então entre aumentar e diminuir, eu sou um pouco discreto disso aí. Agora, considero a 2ª (segunda) parte da pergunta; se há mais denúncias. Eu acho que se faculta cada vez mais a possibilidade, os caminhos à denúncia, disque denúncia e todas essas formas aí. E isso vem aumentando mais. Hoje o nosso boletim, o BO, que nós chamamos o boletim de ocorrência, isso é um verdadeiro balcão de lamentação. As pessoas vêm registrar tudo e todos os tipos de natureza de fatos, não é crime, é de fatos. Então é isso, considerando os BOs, nós temos uma elevação disso. E o mais, eu acho que está dentro do padrão, não acredito que aumenta ou diminui. O que sim me chama a atenção, que por vezes a gente vê autuação de certos crimes a mais. A elevação, por exemplo, dos 71, modalidade via cheques. Ou então clones, vão clonar telefones, vão comprar telefones de forma irregular. O que se quer com isso? Por que se usa um telefone, pra que se usa uma identidade falsa? Você usa isso pra fingir crime. O telefone você pode articular no mundo criminal. Mascara sua identidade para despistar a verdadeira identificação. Então eu observo que muitas vezes ocorre que nem a saúde, epidemia. Deu epidemia disso, epidemia daquilo, então é isso o que eu vejo às vezes. E como ocorre isso? Ocorre conforme a visão do agente criminoso, o que ele quer fazer, ou se ele se organiza numa quadrilha, por

exemplo, organiza um bando, então ele vai atacar dos seus *modos operantis*, e daí, via de consequência, resulta tal tipo de crime.

Dando continuidade a esta pergunta, o senhor acha que a temporada de verão traz mais violência para a cidade? E quais são os atos violentos que o senhor acha que aumenta com a chegada da temporada de verão, com o turismo de massa?

A maior violência é principalmente patrimonial, a de furto. Então o malandro, ele faz o mapeamento dele, onde é que se realizam as grandes festas, os grandes eventos, festa da maçã, festa do pinhão, então ele vai atrás disso. Aqui em Balneário Camboriú, então, já tem diversos outros estados que nos liberam os marginais de lá que vem migrar pra fazer os seus trabalhos, trabalhos criminosos, trabalho de furto. Em datas passadas nós pegamos famílias e mais pessoas que vieram única e exclusivamente pra praticar o crime, crime pesado, crime de roubo, por exemplo. Falando em crime de roubo, nós já registramos a diminuição, ou seja, índices mais baixos em dezembro, e registramos um índice maior no final da temporada, ou seja, caixa vazio, caixa cheio. Quer dizer, no final da temporada já deu um certo volume de lucro, é ali que existe o ataque e o saque desses bens, assalto por exemplo.

Entrevista n° 2

Idade: 28 anos

Sexo: Fem.

Cargo: Escrivã de Polícia

Tempo de função: 2 anos.

Tempo de função em Balneário Camboriú: 02 (dois) anos.

Formação acadêmica: Bacharel em Direito.

Pergunta 01: Para você, o que é violência?

Resposta: Violência para mim seria uma agressão contra um patrimônio físico de uma pessoa, o próprio corpo e patrimônio até intelectual. Furto, roubo de uma idéia é uma violência. Aqui em Balneário Camboriú a violência é mais dinamizada, é só de pequenos furtos, muito furto em supermercado, essas coisas assim. É mais marginalzinho, moleque de rua, essas coisas assim.

Pergunta 02: Você considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Resposta: Eu acho que de pequenas cidades, Balneário Camboriú é muito mais violenta. Tem os grandes centros, Joinville, Florianópolis, Blumenau. Mas perto de Rios do Sul, Ilhota, ali do alto Vale, do oeste catarinense, Balneário Camboriú é bem mais violenta, e a incidência de crimes maiores e hediondos esta aumentando.

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Resposta: Em Balneário Camboriú aumentou. Eu vejo até por mim como cidadã comum que no passado eu saía da minha casa e ia a pé 01h30min, 02h30min

horas da manhã. Hoje em dia já não dá mais pra andar a pé de madrugada na cidade. Tem muito marginal na rua. Eu acho que a violência aumentou bastante.

O teu medo em relação a que quando você fala dessa violência na madrugada em balneário Camboriú? De furto, de roubo e de estupro.

Você, como policial também vê que isso aumentou muito em Balneário Camboriú? Aumentou, aumentou bastante.

Pergunta 04: Você acha que a temporada de verão, o turismo de massa, faz com que aumente a violência em Balneário Camboriú?

Resposta: Faz, faz com que aumente, faz com que a bandidagem desça para o Estado, em toda Santa Catarina. Em todo o litoral a violência aumenta.

Você acha que a cultura das pessoas de Balneário Camboriú proporciona a violência ou ela ocorre simplesmente por ser verão? Eu acho que por ser um balneário super visado, onde o poder aquisitivo da cidade é alto, há muito dinheiro. Digamos que 50% de punquistas, desses assaltos à turistas, eles proporcionam que aconteçam, eles deixam acontecer, eles não se cuidam.

Pergunta 05: Então você acha que o maior número de registro de violência em Balneário Camboriú é o assalto?

Resposta: É o furto, é o assalto. Esses furtos acontecem pra consumo de drogas. Principalmente na orla marítima, e no período noturno. É pra comprar drogas, é o usuário de drogas.

Entrevista n° 3

Idade: 53 anos

Sexo: Fem.

Cargo: Técnico Criminalista

Tempo de função: 23 anos.

Tempo de função em Balneário Camboriú: 23 (vinte e tres) anos.

Formação acadêmica: 2° Grau completo.

Pergunta 01: Para você, o que é violência?

Resposta: Bem, na minha concepção o conceito de não se resume só a violência física. No meu conceito a violência contra o cidadão é tudo que vem contra o cidadão, a violência tipo a educação, o ser humano não ter acesso a educação que precisa ter. Isso é violência contra o cidadão. Não é uma violência física, mas é uma violência intelectual. Então para mim, isso é violência. Para a polícia, a violência geralmente é física e grave. Então, para a polícia, a violência é física contra o cidadão.

Pergunta 02: Você considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Resposta: Olha, eu considero Balneário Camboriú em certo ponto uma cidade um pouco violenta pelo índice de pessoas que passam por aqui. Mas eu considero menos violenta do que qualquer outra cidade do estado, por exemplo,

Florianópolis eu acho muito mais violenta que balneário Camboriú, porque nós policiais temos um certo domínio quanto a segurança em nossa cidade.

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Resposta: Claro que ela aumentou em virtude da população também ter aumentado. Então, a violência aumenta de acordo com o índice de população que passou a residir aqui também.

Pergunta 04: Levando em consideração esse aumento de população, você acha que a temporada de verão, com o turismo de massa que vem para Balneário Camboriú, a violência aumenta muito?

Resposta: Aumenta, aumenta muito porque Balneário Camboriú é uma cidade visada, ela é conhecida no Brasil inteiro, então, aqui vem pessoas do Brasil inteiro, boas e más. Então aumenta consideravelmente.

Pergunta 05: Vocês trabalham com dados estatísticos, todas as informações policiais chegam até vocês. Essas informações se tornam uma violência para você?

Resposta: Claro. Um policial é um ser humano, então ele fica chocado sim. Se aumenta a violência, o policial também se sente violentado, até, por que não dizer, com medo. Se a violência aumenta, então, passa a ser um tipo de violência pra gente também.

Entrevista n° 4

Idade: 24 anos

Sexo: Masc.

Cargo: Estagiário (atende os BOs)

Tempo de função: Um ano e seis meses.

Tempo de função em Balneário Camboriú: Um ano e seis meses.

Formação acadêmica: Graduando em Direito (4° Período).

Pergunta 01: Para você, o que é violência?

Resposta: A violência eu conceituo com o aumento de massa da população. Balneário Camboriú nesses tempos esta aumentando demais, durante os últimos dois ou três anos teve um aumento muito grande de população. Violência para mim é uma pessoa ser honesta, trabalhar 20, 30 anos, quando chega lá no sinal é abordado, ter seu veículo levado, sua bolsa levada porque pessoas fizeram utilização de drogas. Por que essas pessoas não fazem isso de cara limpa, fazem com capacetes... Com o uso de drogas.

Pergunta 02: Você considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Resposta: Mais, bem mais violenta. Mais violenta porque Balneário Camboriú tem muito giro de dinheiro, vem muita gente de fora, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, vem tudo pra cá e junto gente pra roubar.

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Resposta: Aumentou, aumentou nos últimos quatro ou cinco anos. Aumentou porque esta vindo muito mais pessoas para cá. Muita dessas pessoas vem para cá para fazer assaltos, furtos, daí isso aumentou bastante. A temporada de verão aumenta a violência porque tem retorno de dinheiro. As pessoas pensam: “Ah, Balneário Camboriú esta lotado, então vamos para lá fazer um assalto”. Rende muito mais dinheiro dentro da cidade e a população que mora aqui e tem comércio não presta atenção nisso. É nessa época que ocorre esse tipo de violência, de assalto e de furto. A média do verão é de 100, 150 BOs por dia pra quem ta ali atrás fazendo os registros. Tem acidente, tem tudo, mas a grande maioria é furto e assalto.

Entrevista n° 5

Idade: 54 anos

Sexo: Masc.

Cargo: Delegado de Policia Titular da Comarca de Balneário Camboriú.

Tempo de função: 34 anos.

Formação acadêmica: Bacharel em Direito.

Especialização em Criminologia.

Pergunta 01: Para o Senhor, o que é violência?

Resposta: Então é o seguinte, penso que nós não temos como definir violência, até porque a violência tem que ser colocada dentro de uma realidade sociocultural. O que é violência em Balneário Camboriú não é em Blumenau, o que é violência em Santa Catarina não é no Rio de Janeiro, São Paulo, e assim por diante. Mas nesse período, nessa experiência que nós temos de 34 anos de serviço, eu posso dizer o seguinte; que a violência sempre existiu, ela é inerente ao ser humano, ela convence a sociedade. O que nós temos que colocar é o seguinte, até uns 15 anos atrás, a violência era focada em cima de um aspecto político, ou seja, existia uma violência mais relacionada à consciência das pessoas. Você era violentado por aquilo que pensava e não por aquilo que fazia ou a forma de agir. Passado este período, a violência começou a ser mais a violência urbana, ou seja, do relacionamento das pessoas nas grandes concentrações urbanas, e com um ingrediente novo, que é o uso exagerado de substâncias entorpecentes proibidas. Então hoje, toda a violência existente no Brasil tem sempre um fundo do consumo descontrolado de drogas. Isso é em todas as classes sociais. Quando o casal é vítima da violência, quando o esposo ou o casal pratica uma violência contra os filhos, geralmente tem alcoolismo, uso de drogas e o stress do cotidiano que os adultos vivem na rua eles transferem para as crianças e adolescentes. Quando o problema passa da convivência urbana, aí vêm o uso, os efeitos da droga, de tudo; é o álcool, a maconha, a cocaína, o crack. Então esse ingrediente novo dos dias modernos, desses dias modernos, eles fazem com que o ser humano perca aquela noção de valores.

Então, com o uso indiscriminado de substâncias entorpecentes, tanto lícitas como ilícitas essa visão de valores fica prejudicada, então se mata hoje em dia sob o efeito de entorpecentes com muita facilidade e como as pessoas não tem como manter o seu ritmo, elas acabam usando da prática de delitos, no caso, o roubo, todo o tipo de furto, de subtração, até de seqüestro para poder sustentar o seu vício e ter a sua convivência no grupo que ele acaba formando dentro dessa criminalidade. Como o Estado tem sido incompetente para cuidar destes valores, cuidar da sociedade acaba evoluindo esse tipo de atividade. A polícia que é o segmento mais avançado da justiça e do estado, por não ter investimentos na mesma proporção, acaba ficando em desvantagem. Por que aí vem a parte do combate. Por que não se combate com mais eficiência? Por que o Estado não investe na segurança do cidadão, quer dizer, não existe uma cultura no Brasil de investir na segurança da sociedade. Por que nós somos uma cultura latina de governos arbitrários, que só investe na segurança e manutenção do próprio poder, ou seja, naquilo que os governantes, (isso eu não to falando de partido político, to falando da filosofia da questão política e do Estado), naquilo que os governantes para se manter no poder, para ele ser importante, eles investem na sua segurança própria, na segurança dos políticos e assim por diante. E a polícia, por ser vítima dessa postura de governo, acaba também não se adequando aos tempos modernos. Mas eu acredito que a pior fase já passou e começamos a pensar pra frente, para o futuro. Eu tenho participado de várias discussões institucionais de que se começa ter um novo olhar para a segurança pública, e como sou muito otimista, penso que nós devemos muito em breve inaugurar uma nova época no aspecto da segurança da sociedade. Então, segurança pública é proteger o cidadão, e não fazer ameaça com os governantes, isso não é de agora da República, isso faz muito tempo, desde a época do Império. Como os demais países latinos, que tem governos arbitrários, independente. A segurança pública, os homens da segurança pública, são vítimas dessa cultura. Mas eu vejo com bons olhos para frente, penso que nós devemos inaugurar uma nova época e, com isso, com os órgãos de segurança pública voltados à segurança do cidadão, nós vamos ter em médio prazo, dias melhores, com um novo sentimento de segurança, passando esta fase de insegurança que vivemos atualmente. Mesmo assim, acho que Santa Catarina, por ser um Estado constituído por um povo de boa origem, boa etnia, nós temos uma situação diferenciada de outros centros. Mas a realidade do Brasil hoje é preocupante, bastante preocupante.

Pergunta 02: O Senhor considera Balneário Camboriú uma cidade mais ou menos violenta que outras cidades do Estado de Santa Catarina?

Resposta: Muito bem. Balneário Camboriú, eu tenho aqui uma experiência em duas épocas distintas. Eu trabalhei aqui de 1995 a 1999 como delegado titular, e agora retornei para cá em 2003 e estou até a presente data. Eu vejo o seguinte; Balneário Camboriú esta em Santa Catarina, mas não representa a nossa realidade sociocultural, porque aqui nós temos povo até do exterior. Nós temos aqui uma colônia de argentinos que passa de 5 mil pessoas, e temos pessoas de outros países. Uma boa parte da nossa população fixa que hoje gira em torno de 120 mil habitantes, ela é formada por gaúchos, paranaenses e alguns paulistas. No mais, pessoas que nasceram em todas as regiões de Santa Catarina, que tem a sua autonomia cultural. Então, por essa particularidade, Balneário Camboriú ainda não se definiu como modelo cultural, nós não temos modelo cultural. E isso

reflete na nossa incidência criminal. Nós temos um número de BO, um número de registros de ocorrência muito grande, até também porque o território é pequeno, existe uma aglomeração urbana muito presente, muito forte, o aumento aqui é vertical, não é horizontal, o aumento de edificações, da população, e isso, naturalmente pelas pessoas não se conhecerem, não conviverem numa comunidade como outra realidade como Blumenau, Joinville, e assim por diante, então nós acabamos tendo mais problemas de segurança. É muito fácil, as vezes uma pessoa tem um bom currículo, uma boa conduta social, conviver com marginais internacionais. Só que no nosso dia a dia passa batido, conciliando com a polícia, porque até então o cara é bom, ele não comete crimes aqui, ele comete crimes fora e se esconde aqui, diz que mora aqui. Então, o que faz a polícia? Nós temos que conviver com essa realidade, e nós temos também a outra realidade que é as pessoas que se juntam e se dispersam com muita facilidade. Nós temos uma população durante o dia e uma outra durante a noite, temos uma durante a semana e outra nos fins de semana. Então existe um ajuntamento e uma dispersão muito forte, muito dinâmica em Balneário Camboriú, e a polícia tem que estar atenta e preparada para isso. Também neste contexto, eu penso que Balneário Camboriú não é uma cidade violenta, apesar de apresentar um número grande de ocorrências. Porque nós não temos o maior número de homicídios do estado, não temos o maior número de assaltos e de seqüestros, no entanto temos o maior número de turistas e de pessoas que vem de outras regiões. O nosso maior número de ocorrências ainda são os crimes contra o patrimônio, que são os pequenos furtos, os danos. Os crimes que prejudicam mais o patrimônio do que as pessoas, e pelo pouco investimento que faz a segurança pública em Balneário Camboriú, eu vejo pouco investimento em estrutura física, em viaturas, em efetivos, nosso efetivo é minúsculo comparado a nossa necessidade, então eu vejo que a nossa cidade não é uma cidade violenta, mas esta se tornando violenta pela falta de investimento das instituições da segurança pública.

Pergunta 03: A violência aumentou nos últimos anos em Balneário Camboriú ou se tem mais registros de casos de violência?

Resposta: Bem, como eu já disse anteriormente, a violência é inerente ao convívio social das pessoas, isto é histórico, só que eu acho que tem dois ingredientes. Um que é o fator do consumo de drogas, ele tornou o ser humano mais violento, se mata por muito menos, quer dizer, os valores sociais estão se degradando fácil pelo consumo descontrolado de substâncias entorpecentes, também pela força dos meios de comunicação e pela maior consciência das pessoas, também se buscam mais a prestação de serviços dos órgãos de segurança pública. Então, se liga mais para a polícia para verificar uma situação suspeita, quando se é vítima de um crime se exige mais providências. Esta ai hoje o nosso serviço de proteção à mulher, criança e adolescente, que até 10 anos atrás não existia. Hoje é um registro significativo, temos hoje o B.O. registrado *on line*, você da sua casa pode registrar um B.O., então as delegacias ficaram mais acessíveis à vida das pessoas. Eu me lembro da primeira mulher que ingressou na polícia, nós recebemos ela com um certo ar de machismo. Hoje elas são presenças indispensáveis, não só necessárias como indispensáveis nos órgão policiais, porque além das suas competências, das suas qualificações, também tem o caráter humanitário, humanizou a repartição policial e com isso naturalmente buscou mais legalidade com a abertura das delegacias e polícia

para os universitários, os estudantes de direito. Hoje a nossa delegacia convive com o mundo universitário 24h por dia, então com toda essa nova realidade eu acredito que a violência aumentou a consciência das pessoas para procurar ajuda, por isso o maior registro e daí os números, eles são bastante significativos.

Pergunta 05: Quem vem de fora tem uma visão de Balneário Camboriú, o turista não acha a cidade violenta, o morador já tem suas dúvidas, porque ele acha que o turismo traz muita violência para a cidade. Qual é a sua opinião sobre isso? Olha, eu convivi na década de 90, e fui responsável durante 11 anos pela comissão de segurança da *Ocktobest*, em Blumenau, então eu tenho uma experiência muito interessante, porque o blumenauense criou a *Ocktoberfest* em 1984 para acabar com o trauma das grandes enchentes que começou no ano de 1980 e terminou com aquela monstruosa enchente de 1983/1984. Então a festa foi criada na época pelo prefeito, pela liderança da cidade para animar um pouco aquele povo, o alemão, e o espelho foi Munique. Era originariamente uma reunião de famílias, era um evento assim, um evento aonde as famílias se encontravam, conversavam, onde as bandinhas tocavam, tudo dentro de uma cultura extremamente germânica, herdados de Munique. Os primeiros anos se passaram e aquele encontro de famílias se transformou num grande evento turístico para Blumenau. Os administradores começaram a ver ali uma fonte de divulgação e de projeção. Nós chegamos a trabalhar lá durante 17 dias com um público de um milhão de pessoas. E nesse período nós podemos dizer que a segurança ficou prejudicada, e o blumenauense começou a se voltar contra o evento. As famílias de Blumenau começaram a se voltar contra o evento, porque o evento cresceu muito e se descaracterizou. Então, eu como profissional de segurança pública, confesso que houve um erro estratégico ali pelos organizadores da época e colocamos isso em ata de reunião. Hoje, a *Ocktoberfest* voltou a um patamar menor, esta buscando as origens, e o que chegou a um milhão de visitantes não chega a 500, 600 mil. Isso em 17 dias de festa. Blumenau buscou um novo perfil turístico, que é o perfil de eventos. Comparativamente, em Balneário Camboriú, nós tivemos aqui, acho que nas décadas de 70 a 90, também um fluxo de turistas muito forte, principalmente de latinos, esse pessoal da América Latina, os argentinos e outros povos que deram essa transformação nos investimentos imobiliários, e a cidade de repente se viu invadida por um quantitativo de turistas muito forte, e com isso vem a criminalidade, vem a insegurança, e os nativos de Balneário Camboriú também não gostaram disso, a exemplo do que aconteceu com os blumenauenses, e a sabedoria popular tem que ser respeitada, eles tinham razão. Então, hoje Balneário Camboriú esta revendo, pelo menos eu tenho conversado com o Secretário de Turismo e com o Prefeito, e eles tem me dito isso e nós já estamos sentindo. A cidade não esta mais preocupada com o público muito grande em dezembro, janeiro e fevereiro, e sim que o turista venha para cá durante todo o ano. Nós já estamos percebendo isso no aspecto de segurança, é o ideal. Nós entendemos que a grande afluência de turistas traz um problema muito grande para a cidade que esta buscando o seu perfil ideal no turismo. Então, como responsável pela segurança pública de Balneário Camboriú que eu sou, penso que nós temos que criar atrativos, todo o tipo de eventos para que Balneário Camboriú tenha turistas o ano inteiro e não só naqueles 60, 70, 90 dias em dezembro, janeiro e fevereiro. Com isso, naturalmente a cidade vai ganhar, o empresário, a população e principalmente o

nativo que tem que ser respeitado, e nós da segurança pública podemos fazer um planejamento mais realista e mais eficaz para a segurança de todos nós.

Pergunta 06: A violência enquanto conceito teórico nos diz uma coisa. Quando se trabalha com ela no dia a dia ela é diferente? Qual sua opinião sobre este assunto?

Resposta: Olha meu jovem, sobre psicologia escreveram e escrevem os psicólogos, sobre a medicina da mesma forma, sobre direito também. A atividade policial, a atividade de segurança pública, nunca houve pelos tratadistas, pelos teóricos, nenhuma convivência prática, quer dizer, o que você encontra hoje sobre polícia, são contos, são histórias que não retratam a realidade de uma época. Então eu penso que hoje, por uma nova visão que se tem de segurança pública, pelas exigências atuais da sociedade, pela maneira como nós policiais estamos vendo a segurança pública, mudando aquele conceito antigo de proteção do estado e não ao cidadão, eu penso que a verdadeira literatura sobre segurança pública esta sendo escrita agora, neste momento e que vai balizar as ações futuras dos policiais que estão chegando. Acredito que a nossa geração, a minha geração tem uma responsabilidade muito grande que é a de deixar registrados os nossos acontecimentos, as nossas ações, as nossas angústias, o nosso pensamento, o futuro que nós queremos para a segurança da sociedade, para que os novos policiais, aqueles que estão e vão nos suceder, possam então ler alguma coisa que realmente trata da segurança do cidadão. Nós temos que mudar o conceito que segurança está vinculada a um governante. Segurança é uma situação de estado que dê respeito ao cidadão e que tem que existir em função e razão da segurança do cidadão.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)